

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA
EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

MARI TEREZINHA DA ROCHA MONTEIRO

**O USO DO MOVIE MAKER PARA PRODUÇÃO DE VÍDEO:
INCENTIVO À LEITURA E RELEITURA DE OBRAS LITERÁRIAS POR
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Porto Alegre

2012

MARI TEREZINHA DA ROCHA MONTEIRO

**O USO DO MOVIE MAKER PARA PRODUÇÃO DE VÍDEO:
INCENTIVO À LEITURA E RELEITURA DE OBRAS LITERÁRIAS POR
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientadora:

Prof^a: Sandra Andrea Assumpção Maria

Porto Alegre

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação:

Profa: Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação:

Profa: Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Dedicatória

Dedico este trabalho a Deus por me dar força de vontade, ânimo e saúde para voltar a estudar;

A minha família por me entender e apoiar em momentos de dificuldades;

Aos meus colegas de curso e de grupo parceiros no estudo e nas idas a Cerro Largo R/S para as aulas presenciais;

A Sandra orientadora dessa monografia, pelas discussões, orientações e reflexões feitas;

Aos meus alunos do 3^a ano do Ensino Médio com quem desenvolvi trabalho e fiz as observações para pesquisa;

Pelos saberes construídos e aproveitamento das circunstâncias para registros da minha prática educativa.

Agradecimentos

Ao governo federal por oportunizar a especialização em Mídias na Educação sem custo para os professores.

A todas as Universidades em especial a CINTED/UFRGS, e dentro delas os professores envolvidos na produção de materiais e orientações realizadas durante o desenvolvimento das disciplinas na modalidade- EAD na plataforma moodle.

RESUMO

A presente pesquisa visa explorar o potencial pedagógico do *software Movie Maker* para a produção de vídeo, com releitura de obras da literatura brasileira, e seu enfoque na importância da adoção de uma metodologia diferenciada para o incentivo à leitura no Ensino Médio. Sugere repensar métodos tradicionais embasado nas orientações previstas nos Parâmetros curriculares Nacionais (PCNs) e incluir novas tecnologias nas aulas de literatura com o objetivo de torná-las mais lúdicas. Teorizar sobre a história da leitura e da escrita, o uso *software Movie Maker*, explorar outros trabalhos com abordagens relacionadas ao tema e na reflexão avaliar o diferencial deste estudo. É uma pesquisa teórica empírica e os sujeitos envolvidos são alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma Escola Estadual da região noroeste do Rio Grande do Sul. O trabalho oportunizou autoria, colaboração, alegria e diversão entre os grupos durante a produção dos vídeos, exploração de recursos tecnológicos, exigindo leitura, reflexão e produção escrita. Pelos resultados obtidos pode-se observar que a metodologia possibilitou o incentivo à leitura e a escrita, demonstrando-se eficaz para o ensino da literatura porque resultou na aprendizagem, tornando evidente que o uso de tecnologias pode enriquecer o conhecimento do aluno. Nos vídeos visualizam-se elementos da cultura, influências midiáticas, aspectos da realidade da obra e do aluno e a fruição literária tanto nas leituras e socializações, como na recepção do produto final, o vídeo.

Palavras chaves: Leitura – Escrita - *Software Movie Maker* – Vídeos.

Abstract

The present research seeks to explore the educational potential of the Movie Maker software for video production, with rereading of Brazilian literature works, and its focus on the importance of adopting a differentiated approach to encouraging reading in high school. Suggests rethinking traditional methods based on the guidelines laid down in the National curriculum parameters (PCNs) and include new technologies in class of literature with the aim of making them more playful. Theorizing about the history of reading and writing, using Movie Maker software, explore other jobs related to the topic and approaches in reflection to evaluate the differential of this study. Is an empirical and theoretical research subjects involved are students of the third year of high school, a State school in the Northwest region of Rio Grande do Sul. The work "provided authorship, collaboration, joy and fun between the groups during the production of the videos, exploitation of technological resources, and the results obtained can be noted that the methodology made it possible to encourage reading and writing, being effective in the teaching of literature because it results in learning, it is evident that the use of technologies can enrich the knowledge of the student. videos displays elements of the culture, media influences, aspects of the reality of the work and of the student and the enjoyment in literary readings and socialisation, as receipt of the final product, the video.

key words: *reading-writing-movie maker software-video. i removed two key word script.*

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação.

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1: Tela inicial do programa Movie Maker..... | 43 |
| Figura 2: Tela - Linha do Tempo Software - Movie Maker..... | 44 |
| Figura 3: Tela - Edição de vídeo –Software Movie Maker..... | 45 |
| Figura 4: Tela - Transição de vídeo - Software Movie Maker..... | 46 |
| Figura 5: Tela com imagem da página Inicial do Facebook – cópia de uma cena do vídeo: Dona Flor e seus dois maridos..... | 60 |
| Figura 6: Tela Cena de vídeo “Conto: O jogo do Osso” | 63 |
| Figura 7: Gráfico da questão 1 da entrevista..... | 66 |
| Figura 8: Gráfico da questão 2 da entrevista..... | 67 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 122 |
| 2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA | 16 |
| 2.1 OBJETIVO GERAL..... | 18 |
| 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS..... | 18 |
| 2.3 O PROBLEMA | 19 |
| 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 20 |
| 3.1 A HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DA LEITURA E ESCRITA..... | 233 |
| 3.2 A LEITURA E A ESCRITA NA ERA DO HIPERTEXTO..... | 299 |
| 3.3 A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO E OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. | 344 |
| 3.4. TRANSPOSIÇÃO DE GÊNERO..... | 399 |
| 4. A PRODUÇÃO DE VÍDEO COMO RECURSO PEDAGÓGICO | 41 |
| 4.1 A PRODUÇÃO DO ROTEIRO..... | 42 |
| 4.2 A PRODUÇÃO DE VÍDEO COM O USO DO SOFTWARE MOVIE MAKER.. | 433 |
| 4.3 .O SOFTWARE MOVIE MAKER..... | 44 |
| 4.3 AUTORIA E COLABORAÇÃO NO PROCESSO DA PRODUÇÃO DO VÍDEO | 49 |
| 5. METODOLOGIA DE PESQUISA..... | 54 |
| 6. A REELEITURA DE OBRAS LITERÁRIAS ATRAVÉS DA PRODUÇÃO DE VÍDEO: Uma análise do processo e das produções dos alunos..... | 57 |
| 6.1. ANÁLISE DA PRODUÇÃO DOS VÍDEOS DOS ALUNOS | 58 |
| 6.2. O PROCESSO DE MEDIAÇÃO E REPRESENTAÇÃO NAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS: ANÁLISE QUALITATIVA E QUANTITATIVA..... | 655 |

| | |
|--|------------|
| 7.CONSIDERAÇÕES FINAIS | 70 |
| REFERÊNCIAS..... | 744 |
| APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO..... | 77 |
| APÊNDICE B - ENTREVISTAS | 77 |
| APÊNDICE C - PÁGINAS DE ROTEIRO DE VÍDEO FEITA PELOS ALUNOS.. | 82 |

1 INTRODUÇÃO

Numa sociedade globalizada e conectada em que as Tecnologias de informação e comunicação e (TICs)¹ estão presentes em todos os lugares é impossível conceber educação sem o uso das mídias. A proposta desse estudo tem como objetivo incentivar a leitura de obras literárias a fim de possibilitar aos alunos da 3ª série do Ensino Médio a reescrita das histórias contextualizando-as na época atual e a produção de vídeos com o uso do Software Movie Maker. Refere-se a uma análise da aplicação de uma estratégia pedagógica que consiste na leitura de romance da literatura brasileira moderna, produção escrita de roteiros literários e técnicos bem como sua produção em formato de vídeo.

A pesquisa busca aplicar e acompanhar novas maneiras de orientar os alunos para que leiam as obras literárias, consigam compreender e interpretar a mensagem que está contida no texto e também no contexto em que foi criada e como resultado das leituras consigam reescrever novas histórias, contextualizando-as na época atual.

A estrutura desse trabalho está organizada em capítulos sendo o primeiro a introdução, identificando o tipo de pesquisa, objetivos e um apanhado geral sobre o conteúdo do trabalho. É uma pesquisa qualitativa e quantitativa, pois busca compreender e analisar o processo que permeia a metodologia adotada nas aulas de literatura e português, por meio de sua aplicação em uma turma do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública de Ijuí, Rio Grande do Sul.

No segundo capítulo apresenta-se a contextualização da pesquisa feita a partir da trajetória de vida da autora como educadora, mais especificamente, sobre à

¹ TIC- Tecnologia de Informação e Comunicação

prática de produções de vídeos feitos a partir da adaptação de obras literárias. Ao longo dos anos como educadora, a partir de leituras feitas, debates, seminários – referentes à necessidade de tornar os alunos leitores que saibam escrever com autoria, sempre se buscou atualização e inovações. Com a chegada do computador/internet e os recursos audiovisuais trabalhos que antes eram apresentados em forma de teatro, hoje podem ser transformados em vídeos.

No terceiro capítulo consta da fundamentação teórica na qual são analisadas outras pesquisas publicadas que abordam temas relacionados ao estudo, visando conhecer as pesquisas na área e poder identificar o diferencial em relação à prática pedagógica aplicada. O estudo tem base na história e evolução da leitura e escrita, ao longo dos séculos pontuando momentos mais significativos da história até o período atual. Também é realizada uma revisão nos documentos oficiais, o que prevê o estudo dos Parâmetros curriculares Nacionais em relação da Literatura no Ensino Médio. Além disso, discorre sobre o espaço dado à Literatura nesse grau de ensino, o que deve ser repensado em relação às metodologias aplicadas nas aulas para que a leitura e a escrita sejam de fato meios de comunicação eficientes para construir conhecimento.

Ainda nesse capítulo elucida-se uma revisão teórica sobre gêneros literários e transposição de gênero, autores que exploram sobre a temática, conhecimento sobre as características dos gêneros bem como a função de cada um nos diferentes contextos comunicacionais. Pontuar partindo dos conceitos de literatura, transposição intersemiótica², intertextualidade³, intermedialidade⁴ e interartes⁵.

²(...) Uma das questões transmidiáticas ou interartes mais candentes entre os estudiosos comparatistas é o processo de transposição intersemiótica/interartes entre a literatura e o cinema. Com efeito, para um cineasta transformar um texto literário ou um argumento inicial em roteiro de cinema (...) (MARTINS,2012)

³ A intertextualidade segundo Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de

Holanda Ferreira, intertextualidade é termo da literatura, que significa «superposição de um texto a outro» e «na elaboração dum texto literário, a absorção e transformação de uma multiplicidade de outros textos».

⁴ Intermidialidade é um conceito em construção, podendo aparecer como sinônimo de termos como “intermídia”, aproximando-se ainda, no escopo dos estudos literários, de noções como de “intertextualidade”, “transposição intersemiótica”, “estudos interartes” (CLÜVER, 1997).

No quarto capítulo além de referência ao uso das tecnologias na educação, no caso específico o uso do software Movie Maker, o estudo discorre sobre as técnicas apropriadas para um bom planejamento e produção do roteiro técnico, para posteriormente, captar as imagens que irão compor cada cena e, por fim a edição das imagens. Ainda nesse capítulo, ressalta-se sobre a importância do trabalho colaborativo dos grupos e a possibilidade dos alunos serem autores das novas histórias

O Windows Movie Maker é um software que permite editar vídeos curtos. Trata-se de um programa de fácil utilização e é compatível com o sistema operacional Windows Vista, Windows Sete e o mais recente Windows oito. O quinto capítulo refere-se ao detalhamento da metodologia utilizada nesse estudo. Destaca-se a realização de observações das produções dos alunos desde o planejamento até as socializações dos resultados.

Outro ponto a se destacar no estudo é explorar uma nova abordagem para o ensino da literatura capaz de integrar uma mídia antiga, no caso o livro, com uma mídia atual o vídeo. A busca pela preservação do patrimônio cultural no resgate das obras de autores brasileiros, a contextualização das histórias no século atual.

No sexto capítulo do estudo é feita uma análise dos vídeos produzidos. Observam-se como os alunos se representaram que elementos da mídia e da cultura estão presentes nas produções. Reflete-se também sobre o que os alunos priorizam quando são desafiados a serem autores de uma história, quais os traços da subjetividade jovem e referências do século XXI que podem ser visualizados nos vídeos.

A pesquisa é exploratória serão feitas observações, entrevistas e análise de aplicação da metodologia, pontuando em que medida as tecnologias de informação e comunicação podem ser mediadoras de uma educação com perspectiva progressista, transformadora e interativa. Constitui-se de registros de uma prática utilizada numa sala de aula do Ensino Médio, não se tem a pretensão de apontar soluções prontas ou “receita” metodológica, mas hipóteses que sugerem maior aprofundamento em trabalhos posteriores.

Por fim as considerações finais com algumas reflexões sobre as descobertas da pesquisa, as referências bibliográficas usadas para embasar o estudo e apêndice que será composto por entrevistas e trechos de alguns roteiros de vídeo produzidos pelos grupos de alunos.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

O homem se faz ao desfazer: não há mais do que risco, o desconhecido que volta a começar. O homem se diz ao desdizer: no gesto de apagar o que acaba de ser dito, para que a página continue em branco. Frente à consciência como repouso, como verdade, como instalação definitiva na certeza de si, prende a atenção ao que inquieta, recorda que a verdade costuma ser uma arma dos poderosos e pensa que a certeza impede a transformação. Perde-te na biblioteca. Exercita-te no escutar. Aprende a ler e a escrever de novo. Conta-te a ti mesmo a tua própria história. (LARROSA, 2001).

Refletindo a partir da citação de Larrosa, 2001, inicio a descrição da minha trajetória profissional e acadêmica, como as referências aqui se equivalem às histórias de vida pessoal da autora, a escrita será feita na primeira pessoa do singular.

Sou natural do interior, criada com muitas dificuldades financeiras e imensa curiosidade para saber sobre as coisas, as pessoas, o mundo e tendo minhas tias professoras como exemplo, tornei-me professora.

Durante a trajetória de estudante ouvia muitos educadores falarem que ler era muito importante e através da leitura eu ia descobrir o mundo mesmo sem viajar. Cursei parte dos estudos no interior, outra na cidade e assim subjetivando-me por inúmeras pessoas com as quais convivi, construindo a minha identidade também pelas leituras e observações do mundo conclui minha formação referente ao Ensino Médio - Magistério. No ano seguinte comecei a atuação docente com séries iniciais, depois mais tarde com Ensino Fundamental Séries Finais e por fim Ensino Médio e turmas de Cursos Técnicos.

Ingressei no Ensino Superior, tempo em que cursei Letras/Literatura e doze anos mais tarde a especialização em Educação Cultura e Cidadania. Apesar da formação em Letras sempre tive apreço as Artes e talvez venha daí a tendência de trabalhar com teatro, poesias que é a própria arte de tecer com as palavras.

Ao longo dos vinte anos de carreira de professora planejei e apliquei inúmeras atividades que envolvia teatro, dramatização, releituras de obras, exposições de produções de alunos. A chegada das tecnologias oportunizou aprimorar e melhorar as metodologias antes aplicadas.

Em 2001, atuando em turmas do Ensino Médio com literatura brasileira, realizava os tradicionais seminários para contar os romances que os alunos haviam lido. Um dia propus uma transposição de gênero, do romance para peças teatrais. Um grupo de alunos perguntou se podiam fazer um filme a partir da obra “Capitães da Areia” de Jorge Amado. Sem saber se seria viável ou não, foi afirmado que se tivessem as condições (os recursos tecnológicos) poderiam fazer. Em casa leram os livros e em aulas produziram os roteiros escritos.

No dia da apresentação três grupos apresentaram os teatros e o último trouxe uma fita cassete, entregaram e disseram aqui está nosso trabalho. Feito o agendamento do vídeo cassete (tecnologia usada na época), fomos assistir e foi maravilhoso o resultado.

Sem nenhuma certeza, sem receita e a cada ano com muitas mudanças, como a troca de alunos, a evolução das tecnologias, às vezes mudando o gênero literário houve a continuidade de exploração dessa prática pedagógica.

Em 2004, já com laboratório de informática nas escolas, os trabalhos a partir de poesias e romances foram feitos em slides e salvos em disquete. Porém assim como a fita cassete o disquete foi substituído e novas tecnologias foram chegando às escolas, principalmente através dos alunos.

Em 2009, fiz um curso de Informática Educativa de 100 horas, no Núcleo de Tecnologia Educacional, o qual oportunizou a busca e a inovação das práticas. Realizei um trabalho com oito turmas de segundo ano a partir dos contos do Machado de Assis. Com certeza foi uma das propostas mais inesquecíveis da minha

carreira de professora. Ficamos duas semanas apresentando teatros, vídeos, slides, adaptações da obra do autor.

Foram as experiências desenvolvidas em aula na trajetória de professora que motivaram a realização desse estudo, ou seja, as observações partem de uma prática pedagógica que já vem sendo desenvolvidas, mas que não eram registradas.

Assim, para efetivação da presente pesquisa, pretende-se aproveitar as experiências descritas anteriormente, mas agora focada nas observações desde a divisão dos grupos, escolha dos livros, escrita de roteiro, captura de imagens, o estudo do potencial do Software Movie Maker para edição de vídeo e o seu resultado.

Considerando o atual contexto em que muitos jovens não gostam de ler e escrever e a urgência em repensar metodologias para tornar as aulas mais lúdicas, propõe-se uma investigação sobre como incentivar os alunos à leitura, à escrita e à produção de textos escritos, vídeos, áudios usando os softwares disponíveis.

2.1 OBJETIVO GERAL

Incentivar a leitura de obras literárias a fim de possibilitar aos alunos da 3ª série do Ensino Médio a reescrita das histórias contextualizando-as na época atual e a produção de vídeos.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Incentivar à leitura de obras literárias.
- Oportunizar a autoria e a colaboração através das escritas de roteiros em grupos;
- Observar aspectos literários e técnicos na escrita;
- Explorar o software Movie Maker na produção dos vídeos.

2.3 O PROBLEMA

A produção de vídeos pode oportunizar o incentivo à leitura e releitura de obras da literatura por alunos da 3ª série do Ensino Médio?

3.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para iniciar um estudo, torna-se essencial conhecer o que já existe em termos de pesquisa, acerca do tema que se pretende abordar.

Segundo Noronha e Ferreira (2000) a revisão de literatura se refere:

(...) estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado da arte sobre um tópico específico, evidenciando novas ideias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada (NORONHA e FERREIRA, 200,p.191).

A partir do conceito de revisão de literatura segue-se a análise de algumas publicações que abordam temas relacionados a presente pesquisa. Segundo Silva (2006), a leitura é o grande desafio do professor de literatura, baseado nisso a sua pesquisa buscou desenvolver o gosto pela leitura a partir de TV.

A promoção da leitura é o grande desafio do professor de Literatura. Dentro de um contexto de informação midiática. Dentro do Colégio Estadual Augusto Meyer, em Guaíba, na disciplina de Literatura da sétima série do ensino fundamental procurou-se desenvolver o gosto pelos livros através de uma ferramenta bem conhecida: a televisão. Dessa forma, buscou-se oportunizar a capacidade de interpretação e contextualização, além da qualificação da leitura em sala de aula. A obra adaptada no projeto experimental foi “O Tempo e o Vento-O Continente” de Erico Veríssimo, em específico o trecho “Ana Terra”(SILVA,2006, p.1).

Embora trate sobre o incentivo a leitura não faz referência ao software usado para produção do vídeo, nem explicita como ocorreu o processo da produção dos vídeos.

No estudo abaixo de SCALDAFERRI (2003) a revisão aborda sobre obras da literatura que foram adaptadas para TV por meio do programa Cena aberta as fronteiras do real e da ficção.

(...) trama de Gilberto Braga (...) fruto de parceira da Rede Globo com a Casa de Cinema de Porto Alegre (...) o programa Cena Aberta foi idealizado e dirigido por Jorge Furtado, Guel Arraes e Regina Casé – que ainda exercia um híbrido papel de apresentadora/atriz/mediadora do percurso ficcional/documental/metalinguístico proposto pelo novo programa.(...) “Série de 4 episódios. Partindo de originais literários, cada episódio mostra uma interpretação ficcional misturada a um documentário sobre a sua própria preparação, escolha de elenco, filmagem e finalização.” Sob a regência dessa “proposta-guia” foram “adaptados” para a TV A hora da estrela de Clarice Lispector, Negro Bonifácio, de Simões Lopes Neto, As três palavras divinas, de Leon Tolstoi e Ópera de Sabão, de Marcos Rey. (...) “A hora da estrela” inaugurou a série. O episódio de estreia de Cena Aberta, baseado na mais famosa e lida obra de Clarice. SCALDAFERRI, Danilo Marques, 2003.Universidade Federal da Bahia ,colóquio internacional televisão e Realidade, 21 a 24 de outubro de 2008.

O estudo teve base nas obras literárias e foi produzido por diretores, artistas, roteiristas, apresentadores pessoas ligadas ao trabalho com TV, ou seja, não está inserido no contexto educacional.

A pesquisa de SOUTO (2011) aponta para encenação e produção de vídeo no trabalho com literatura no ensino médio.

(...) uma reflexão sobre a configuração e o planejamento da aula de Literatura no Ensino Médio com o uso da encenação e da produção de vídeo destacamos algumas ideias de Beatriz Sarlo no artigo "Sete Hipóteses sobre a Videopolítica" que comenta as transformações tecnológicas e seu impacto na forma de fazer a discussão política na sociedade. A videosfera é um espaço hegemônico em expansão. (Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011)

O trabalho tem base em diversos gêneros, com enfoque num diálogo mais próximo entre aluno e a Literatura, como forma de discussão política e de construção de um estudo crítico sobre o cânone literário. A reflexão é feita partindo das ideias de Beatriz Sarlo no artigo "Sete Hipóteses sobre a Videopolítica", que mostra como as transformações tecnológicas modificam a percepção da espacialidade e da temporalidade.

No estudo de VARGAS, ROCHA E FREIRE (2007) Promídiã: produção de vídeos digitais no contexto educacional aborda sobre:

(...) a produção de vídeos digitais é uma atividade muito popular, principalmente entre crianças e adolescentes, como se observa pelo sucesso que fazem os sites que permitem disponibilizar vídeos na Internet. (...) atividade tem grande potencial educacional. Tal potencial pode ser melhor explorado se levarmos em conta as características das atividades que compõem o processo de produção de vídeos propriamente dito, tais como: desenvolvimento da sinopse, elaboração do roteiro, elaboração do storyboard, edição, etc. Essas atividades, no entanto, requerem softwares que possam dar suporte a sua execução e, em um contexto educacional, possam favorecer a visão geral de todo o processo de produção. Com o objetivo de favorecer e estimular a produção de vídeos como atividade educacional desenvolveu o protótipo do Promídia que tem como objetivos: (i) auxiliar seus usuários na criação e elaboração das principais etapas do processo de produção de vídeos, (...) favorecer a visão global e a compreensão de todo o processo (...) (VARGAS, ROCHA E FREIRE, 2007).

O protótipo “promídia” se constitui num software auxiliar em todas as etapas de produção de vídeo, foi desenvolvido e aplicado com crianças para avaliar o potencial de uso, segundo os autores com resultados bem satisfatórios.

A pesquisa em desenvolvimento se diferencia das expostas acima por ser desenvolvida com alunos de 3º ano de Ensino Médio de uma escola pública, ter um enfoque embasado na observação de todo processo, desde a seleção e leitura das obras pelos alunos, na organização dos grupos, na necessidade de trabalhar com a essência das obras literárias dando a elas um novo enfoque que atente para o respeito aos direitos humanos.

Além disso, apropriar-se de técnicas adequadas para filmar (ângulos, enquadramentos, luminosidade, planos), linguagem técnica para produção de roteiro, e explorar o software Movie Maker para trabalhar na edição das cenas produzidas.

Analisa-se em algumas cenas nos vídeos produzidos pelos alunos, as representações da cultura, ou seja, o que o grupo selecionou, e conseguiu na releitura incluir o combate ao preconceito e a contextualização da história neste século. Por fim, a observação do prazer estético oportunizado aos alunos pela visualização das próprias imagens na tela.

3.1 A HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DA LEITURA E ESCRITA

A história e o desenvolvimento da leitura e escrita bem como a difusão da cultura é fantástica. Ao longo do tempo as pessoas sempre tentaram divulgar, perpetuar o seu conhecimento, comunicar-se e, para isso, foram reinventando as mais diversas formas, desde as mais antigas inscrições dos sumérios e dos egípcios que datam de cinco ou seis mil anos atrás, das histórias orais, do pergaminho, a invenção da escrita até o surgimento do computador (internet). Vale lembrar que os sumérios viveram na Mesopotâmia e foi considerada a civilização mais antiga da humanidade, desenvolveram inúmeras descobertas grandiosas, serviram de base para os povos na antiguidade. Entre os múltiplos conhecimentos que transmitiram está a escrita cuneiforme (que é a gravação de figuras com estilete sobre tábuas de argila).

Menocchio, personagem principal da obra: “O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição”, do historiador judeu-italiano Carlo Ginzburg, apresenta-se como um bom exemplo de como historiar sobre a importância da leitura e escrita para desenvolvimento das sociedades e para o crescimento intelectual das pessoas.

O personagem da obra em questão era moleiro (pessoa que trabalhava na antiga profissão ligada a moedura de cereais, em especial o trigo). O italiano Domenico Scandella, conhecido por Menocchio, viveu no século XVI em Monreale, um pequeno vilarejo do norte da Itália. Foi interrogado, preso e condenado à morte, pois numa época em que pessoas não sabiam ler e escrever, Menocchio lia e por isso tinha ideias muito avançadas em relação às outras pessoas. A reflexão era como Menocchio tinha conhecimento de ideias tão diferentes, de onde tirava argumentos para questionar as bases das crenças da igreja católica.

A obra tem base nos escritos da inquisição (prática comum da igreja Católica Romana naquele contexto).

Na história de Menocchio, 1584, iniciou-se o julgamento, ponto alto da narrativa. Nesse período, as máquinas impressoras já estavam funcionando na Europa há mais de cem anos e os impressos estavam chegando e se espalhando nos grandes centros urbanos e aos poucos se expandindo até o interior, isso explicava o fato do personagem saber o que sabia e esse episódio intrigava os inquisidores.

O desenvolvimento dos meios de comunicação ao longo da história contribuiu para o avanço da humanidade e para a constituição da subjetividade de cada indivíduo que viveu e vive interagindo nas diversas partes do mundo, desde o início quando as pessoas se comunicavam por gestos e agiam semelhante a animais.

A história apresentada na obra destacada leva a um questionamento pessoal, como cada pessoa que lê e convive numa sociedade letrada chega a ser o que é quanto autores contribuem nessa construção de identidade. É tentando entender esse questionamento que se percebe a importância da leitura e da escrita para o entendimento da vida, do mundo e das relações em sociedade.

Os meios de comunicação dão abertura para criação de novas formas de ação e de interação no mundo social, novas relações sociais, interações individuais e grupais e transforma as questões relacionadas a tempo e espaço.

O autor (THOMPSON, 2008) pontua sobre comunicação e contexto social:

Em todas as sociedades os seres humanos se ocupam da produção e do intercâmbio de informações e de conteúdo simbólico. Desde as mais antigas formas de comunicação gestual e de uso da linguagem até os mais recentes desenvolvimentos na tecnologia computacional, a produção, o armazenamento e a circulação de informação e conteúdo simbólico têm sido aspectos centrais da vida social. (THOMPSON, 2008, p. 19).

Todo conhecimento socialmente construído sofreu muitas transformações até chegar a atualidade e as diferentes mídias contribuíram de forma significativa nesse processo de produção, armazenamento e circulação de materiais disponibilizados as pessoas ao longo dos séculos

Os seres humanos vão se subjetivando, criando significados, reinventando a partir das coisas que leem e escrevem e das interações entre as pessoas de forma presencial e virtual

As primeiras formas de impressão e de papel foram desenvolvidas na China – plantas eram transformadas em fibras, encharcadas e prensadas e depois posta para secar. Para escrever usavam pincel feito com cabelo e tinta de pó de foligem. As técnicas de fabricação do papel foram se espalhando gradativamente pelo mundo, mas somente no século XIII é que o papel começou a ser produzido em grande escala. Por volta do século XIV o papel era usado em toda Europa. As técnicas de impressão também se desenvolveram e foram melhoradas e podem ter se espalhado com a difusão do papel moeda, das cartas de jogos e dos livros impressos, através da expansão do comércio.

Data-se na segunda metade do século XV, o surgimento da mídia como base de poder simbólico. Período em que as técnicas de impressão de Gutenberg⁵ se espalham pela Europa, o desenvolvimento inicial fortaleceu o capitalismo no final da Idade Média e início da Moderna. Os novos centros do poder e redes de poder simbólico começam a escapar do controle da igreja e o estado tenta tirar proveito da situação.

Em 1440 Johann Gutenberg iniciou as técnicas de fundição de metal, através de um método de duplicar a fundição das letras de metal, possibilitando ampliar os tipos de impressão e copiar textos longos. A partir disso passou a expor comercialmente criando tipografias – do grego *typos*- “forma”- e *graphein*- “escrita”, é o processo de criação na composição de um texto, física ou digitalmente ou modo de se referir a gráfica que usa prensa de tipos móveis. Na época os tipógrafos carregavam os equipamentos para impressão e o conhecimento entre as cidades da Europa. Assim, os países como Alemanha e a Itália depois França, Holanda, Inglaterra, Espanha e em outros lugares tornaram-se importantes centros de publicação.’

5 Gutenberg, alemão, que substituiu as pranchas xilográficas por caracteres móveis de madeira, depois pelo cobre e, finalmente, pelo aço. Criou um processo que consistia em cunhar as letras em matrizes de cobre, com um punção de aço com letras gravadas em relevo, gerando uma espécie de molde de letras, que eram finalmente montadas em uma base de chumbo, tintadas e prensadas. Assim, Gutenberg produziu a primeira Bíblia, impressa em latim, com uma tiragem de cerca de 300 exemplares.

Apesar das publicações crescerem, a população que sabia ler e escrever era minoria, muitos escritos eram em latim com caráter religioso, também publicavam livros de filosofia, teologia, assuntos jurídicos e científicos. Na idade média haviam os escribas e copistas que escreviam os livros manualmente.

Nos primeiros tempos a igreja era quem mais encomendava material impresso, mas passados os anos não conseguiu mais controlar o conteúdo que era impresso, nem as atitudes dos livreiros de comercializar os livros. Apesar das tentativas de retirar de cena os livros perniciosos eles continuaram a ser impressos. Editores conseguiam passar pela censura e se proibidos num local iam comercializar os livros em outro. Houve novas tentativas de controle por parte da igreja, no entanto havia uma espécie de contrabando de livros entre um lugar e outro. Livreiros editores foram levados a fogueira, houve decretos e proibições e mesmo assim o comércio continuou.

O advento da indústria gráfica representou o surgimento de novos centros e redes de poder simbólico que geralmente escapavam ao controle da igreja e do estado, mas que a Igreja e o estado procuravam usar em benefício próprio e, de tempo em tempos, suprimir. (THOMPSON, 2008.p.54)

As elites urbanas instruídas, clero, professores, estudantes e elite política foram os primeiros a ter acesso aos livros. Muitos compravam e revendiam os livros. Como poucos sabiam ler, em muitos casos, um lia para os outros, na época existiam as assembléias protestantes ponto de encontro de pessoas que se reuniam para ler a bíblia.

Ao longo do século XVI, aumentaram as impressões, não só em latim, mas também nas línguas vernáculas como alemão, francês e inglês. Inicia-se a padronização da grafia através da impressão de dicionários, gramáticas e traduções nacionais de literatura. Houve um declínio do latim e avanço nas demais línguas, mesmo com a proibição da igreja católica para que se usassem outras línguas.

Os editores sempre encontravam meios de burlar os censores, e os livros banidos numa cidade ou região eram editados numa outra e contrabandeados por comerciantes e mascates. A censura estimulava um vigoroso comércio de contrabando de livros. (THOMPSON, 2008.57).

As línguas oficiais das potências europeias passaram a dominar no mundo reduzindo os dialetos regionais e alguns desapareceram. Criou-se um campo de

comunicação mais diversificado do que o latim, propiciando o aumento da “comunidade virtual de leitores”.

Lendo textos vernáculos, indivíduos gradualmente se tornaram conscientes do fato de que pertenciam uma comunidade virtual de leitores com quem eles nunca iriam interagir diretamente, mas a quem se sentiam ligados através da imprensa. É esta comunidade virtual de leitores que se tornaria, como Anderson sugere, a comunidade nacional imaginada. (THOMPSON, 2008.p.62).

Ao longo da história nos séculos XV, XVI e XVII as redes de comunicação se desenvolveram primeiro através de serviços postais (correio) e depois na produção e disseminação de notícias (através de folhetos, cartazes, pôsteres) eram impressos avulsos e vendidos nas ruas levando informação as pessoas. Na metade do século XVI e início do século XVII começam a surgir os jornais modernos periódicos (semanais).

Os primeiros jornais traziam muitas notícias de estrangeiros, o que acontecia em lugares distantes, quem lia ou ouvia as notícias conheciam fatos e lugares desconhecidos através da leitura e imaginação sobre o acontecido e iam criando percepções do mundo e avaliando em que aquele saber podia contribuir para sua vida. Mais tarde o jornal se popularizou e passou a divulgar notícias locais e em alguns casos com autoridades políticas querendo restringir as publicações impondo taxas para reduzir produção, mas as tentativas foram inúteis, a mídia impressa e mais tarde as outras mídias só evoluíram.

O que se pode destacar de importante de uma história tão extensa da mídia até se chegar ao estágio de desenvolvimento atual é que os meios de comunicação foram se desenvolvendo e surgindo novas formas de interação e difusão da informação, as mesmas alteraram a subjetividade das pessoas e as formas de viver em sociedade.

A história da leitura e da escrita está atrelada ao surgimento e desenvolvimento da imprensa (primeiro os manuscritos, depois folhetos, jornais, livros, enciclopédias) e depois ao advento das mídias rádio, telégrafo, TV e por último a internet. Em diferentes momentos uma mídia contribuiu para o aprimoramento de outra, por exemplo, os primeiros romances editados no Brasil na época do período literário chamado de romantismo eram lançados em forma de

folhetim em cada um deles publicava-se um capítulo, só mais tarde os romances passaram a ter a forma atual.

Também é pertinente destacar que a internet, mídia atual de mais alcance em relação à capacidade de comunicação e interação, agrega nela características de várias mídias que surgiram anteriormente com o rádio, o cinema, a TV, os jornais e os próprios livros e ainda sem problemas em relação ao espaço e tempo.

Para uma pessoa do século XXI viver dignamente numa sociedade letrada e poder usufruir dos avanços das mídias e das tecnologias de uma maneira geral, é mais fácil se a mesma for alfabetizada. Vem daí a grande necessidade das escolas focarem suas práticas pedagógicas na formação de alunos que não somente leiam, mas entendam o que leram e saibam manifestar seu conhecimento através da escrita.

Leitura é prazer, é sabedoria, é sedução, magia, é poder, é essencial a qualquer pessoa que queira viver com qualidade de vida numa sociedade letrada, imprescindível em qualquer área do conhecimento. Tfouni (1995) diferencia letramento de alfabetização.

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura e escrita e as chamadas práticas de linguagem. O letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita e procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades, quando adotam um sistema de escritura de maneira restrita ou generalizada. (TFOUNI, Leda Verdiani. 1995, p.10).

Dessa forma, podem-se encontrar pessoas alfabetizadas que aprenderam decodificar sinais, no entanto não são letradas porque não sabem o valor social da escrita e da leitura no contexto da sua própria vida. Por outro lado existem pessoas analfabetas que são letradas, por exemplo, crianças da pré-escola que não sabem ler e, no entanto são letradas, porque pelo convívio com outras pessoas e com as tecnologias aprenderam a usar os computadores. Por isso é difícil delimitar o quanto a leitura e a escrita interferem na subjetividade de cada um.

E é por essas razões que apesar dos inúmeros avanços e a chegada das tecnologias, muitos acreditam que o livro ainda terá vida longa. A internet é um novo suporte que possibilita um novo jeito de ler, uma nova postura do leitor, pois nela,

por exemplo, pode-se ler uma infinidades de coisas ao mesmo tempo, seguir links ir para outras páginas - de forma não linear- até interagir em alguns casos.

Num universo com tantas novidades e possibilidades o livro continua ocupando um lugar significativo e atraente aos olhos do leitor, pela sua praticidade, encantamento e principalmente por já fazer parte da cultura e do imaginário das pessoas. Cabe a disciplina de literatura agregar os artefatos produzidos e acumulados pela humanidade, não negar nem o uso do livro, nem dos meios eletrônicos, até porque na grande maioria das escolas os alunos têm mais acesso aos livros, revistas, jornais do que a internet.

O saber coletivo socializado continuará sendo muito bem guardado de diferentes formas, por todas as pessoas do mundo, de forma cada vez mais democrática e ampla com ajuda das novas mídias e dos velhos e novos bons companheiros, os livros. Mesmo que as pessoas no futuro diminuam a leitura nos livros e passem a comunicar-se mais por meios eletrônicos eles já fazem parte da cultura da humanidade, são guardiões da história e de alguma forma serão para sempre preservados.

3.2 A LEITURA E A ESCRITA NA ERA DO HIPERTEXTO

A história da humanidade é modificada drasticamente com a chegada da escrita, pois com a mesma, o homem que antes tinha que preservar a história na memória, consegue agora registrar todo pensamento, ideias, valores, datas, arquivar muito conhecimento produzido, impossíveis antes da chegada da escrita e do papel.

No final do século XX e agora no século XXI, houve um avanço qualitativo em relação ao resgate dos saberes construído com a chegada das tecnologias de Informação Comunicação. A verdade cristalizada nos livros passa a coexistir com a cultura audiovisual, uma cultura que mexe profundamente com todos os sentidos da pessoa.

A internet trouxe uma nova maneira de organização dos espaços e tempo das pessoas, possibilitou a interação entre pessoas de todo mundo a qualquer momento de qualquer lugar, além da inclusão de vários tipos de mídias e a leitura não linear,

através dos links do hipertexto. “Por hipertexto, entendo uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (MARCUSCHI, XAVIER. p.208. 2010).

O hipertexto permite uma leitura não linear e muito rica, porque partindo de uma página com links para outras é possível pesquisar uma infinidade de assuntos. O conhecimento e a informação se multiplicam.

Para (LÉVY apud BARBOSA, 2004) A ampliação da memória (banco de dados), imaginação (simulação), percepção (sensores digitais), realidades virtuais, raciocínio (inteligência artificial), pelas novas tecnologias intelectuais favorecem novas formas de acesso à informação e novos estilos de raciocínio e de conhecimento.

Diante de tantos conhecimentos catalogados e disponibilizados via internet e fora dela, faz muito tempo que não se questiona o certo ou errado, mas a eficácia de um saber em relação aos objetivos que se quer alcançar. Destaca-se a importância de aprender a selecionar a informação e avaliar o valor se é útil ou não para a vida da pessoa.

É nesse mundo globalizado e conectado que nasceram os atuais alunos, chamados de nativos digitais, porque nasceram e já tiveram acesso desde cedo as tecnologias. Aprenderam a ler na escola de forma linear, em moldes muitas vezes bem tradicionais, mas paralelo a isso, leem de forma não linear quando navegam na internet que os possibilita linkar a outras páginas se tiverem curiosidade.

Há uma queixa evidente entre os docentes de que os alunos não conseguem se concentrar, não refletem e não interpretam, não compreendem os assuntos lidos. Isso é uma constatação de que apesar do excesso de informação e a facilidade de acesso a ela, os problemas educacionais continuam.

A maioria dos educadores aponta como uma das saídas para os problemas educacionais um enfoque maior na leitura e na escrita, mas poucos se dedicam para que de fato os alunos adquiram a competência de ler e escrever. Observa-se que os alunos leem de forma rápida e superficial, dando preferência à internet em detrimento a materiais impressos. Acessam uma infinidade de conteúdos (escritos,

imagens, sons), no entanto se concentram em quase nada. Quando são solicitados a escrever ou falar sobre o que aprenderam, poucos mostram resultados positivos.

Nas redes sociais, por exemplo, é um espaço onde os jovens têm escritos e lido bastante de um jeito muito peculiar. Usam símbolos, imagens, escritas abreviadas, postam gravuras, curtem, compartilham fotos com pessoas que estão conectadas no ambiente virtual. Novos questionamentos são necessários, com a chegada da cultura digital tão lúdica e prazerosa para os internautas. Nesse sentido, questiona-se: a literatura continuará tendo espaço na educação? Como fazer com que nativos digitais que transitam tão bem na internet consigam ir além da superficialidade das leituras feitas?

O conhecimento é multiplicado a cada minuto. As pessoas independente de idade, sexo, etnia, local de origem, ou qualquer outra diferença escrevem, leem, produzem fotos ou vídeos e postam na internet. Logo outras pessoas comentam e isso se tornou atividade trivial, principalmente entre os jovens. Parece não haver tempo nem espaço mais para uma leitura literária.

Sendo assim, busca-se através dessa pesquisa explorar a produção de vídeos com o uso das câmeras e celulares tão presentes na vida dos alunos e ao mesmo tempo atrair os alunos para o universo da leitura do texto escrito. Além disso, considera-se nesse estudo todo esse universo dos nativos digitais e as dificuldades históricas em relação ao letramento dos alunos, ou seja, a aprendizagem eficaz da leitura e da escrita como recurso para melhoria da qualidade de vida e de suas práticas sociais.

Por muito tempo as pessoas tinham como referência para a realização de pesquisa as enciclopédias e os livros, mais tarde com o avanço tecnológico surgiu a Internet, uma rede de computadores interligados que possibilitam a comunicação das pessoas de todo mundo, colaborando também com mudanças nos processos educacionais.

As escolas que possuem acesso à rede podem explorar infinitas possibilidades do hipertexto, levando os alunos ao letramento, porque não basta apenas ler e escrever é preciso compreender o mundo, resolver problemas, atribuir

significados e sentidos às funções sociais vinculadas à escrita por meio de qualquer suporte.

O hipertexto supera a linearidade do texto escrito. Ao navegar cada pessoa escolhe o caminho a seguir, onde aprofundar, voltar ao texto original, linkar outros endereços, por isso pode-se afirmar que o hipertexto é subversivo, pois possibilita quebrar velhos paradigmas.

A grande vantagem do hipertexto é possibilitar várias linguagens verbais e não verbais, de diferentes autores num só meio, contribuindo para ampliar as possibilidades de aprendizagem significativas. "Navegar em um hipertexto significa, portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível". Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LÉVY, 1993, p.33).

As dificuldades ao trabalhar com hipertexto referem-se ao desconhecimento de como trabalhar, aprender a lidar com texto não linear e a maior delas não ter acesso às mídias.

Todas as formas de leitura são válidas e podem ajudar no letramento das pessoas, exemplo disso, são os cursos à distância, onde os alunos acostumam-se à leitura virtual e hipertextual, exploram os recursos tecnológicos e produzem conhecimento.

A convivência numa sociedade letrada faz com que todos os que estão expostos à leitura e a escrita de símbolos, independente de classe social ou que não sabe ler e escrever consiga decifrar alguns códigos. Exemplos que podem ser citados são as marcas famosas de produtos como: Coca-Cola, Brahma, Omo, entre outros. Logo as pessoas internalizam códigos e eles passam a fazer parte do cotidiano. Comunica-se por meio da escrita e leitura, muitos são letrados mesmo sem ter acesso ao conhecimento sistematizado. Atualmente além da necessidade de ler, escrever, saber fazer uso do Saber, é necessário conhecer e interagir através dos meios digitais.

Atualmente, a mídia impressa continua sendo usada para difusão do conhecimento, mas aos poucos os materiais impressos estão sendo digitalizados e apresentados em formato eletrônico. Tem aí uma nova dimensão de ver a leitura e a escrita, antes um formato linear, estático, que não permitia imagens em movimento e que necessitava ser transportado, agora o novo meio é hipertextual, permite imagens, movimento, maior facilidade de acesso em locais na internet.

Além disso, o livro eletrônico é fluído, dinâmico, transitório, pois permite ao leitor a interação com o escritor. Quem lê escolhe seu trajeto navega pelos nós

hipertextuais que mais lhe interessar, quebrando assim a linearidade do texto impresso e ganhando certa função de autoria, uma vez que agrega nodos, cria conexões, utiliza seus próprios filtros.

Como bem exemplifica RAMAL (2001) “Ler é mergulhar nas malhas da rede, é perder-se, é libertar-se, na medida em que a linearidade dá lugar ao hipertextual, ao móvel e flexível”.

O papel do leitor nesse contexto também se expande e vai além da simples escrita, porque com as novas tecnologias disponíveis ele pode agregar aos seus escritos, imagens, gráficos, sons, vídeos, efeitos, formando um hipertexto rico e muito mais atrativo a quem lê.

Além das tradicionais práticas pedagógicas, metodologias e técnicas utilizadas para ensinar a ler e a escrever usadas até hoje, é urgente que se criem políticas governamentais de inclusão digital e aos poucos equipem todas as escolas, preparem bem seus professores de forma que gradualmente todos os alunos possuam acesso a computadores conectados a internet e possam usufruir deste importante recurso de ensino de escrita e de leitura, ambiente propício ao desenvolvimento da linguagem e interação entre as pessoas.

É comum encontrar crianças e adolescentes que dominam as tecnologias com mais eficiência do que os adultos. Percebe-se o surgimento de uma nova cultura, onde a leitura e a escrita estão inseridas e são usadas de maneira interativa, dinâmica, instantânea e sem nenhum medo, inclusive criando uma nova linguagem o chamado internetês (escrita abreviadas usada nas conversações em redes sociais na internet).

As bibliotecas surgiram no século XVIII e foram ao longo dos séculos a referência maior quando o assunto era o conhecimento acumulado e preservado pela humanidade. Atualmente, com a criação e ampliação das bibliotecas virtuais, os livros aos poucos estão sendo digitalizado reproduzindo o que já existe em material impresso e ao mesmo tempo sendo enriquecida por inúmeras possibilidades por ser hipertextual e hipermídia.

Hipermídia e hipertexto são conceitos criados pelo filósofo e sociólogo Ted Nelson (1960). Ele relacionou a computação com teoria literária e previu os impactos da digitalização do conhecimento para humanidade, como o que pode ser visto

atualmente na internet, quase todas as informações, livros, enciclopédia, áudios, vídeos estão todos reunidos no mesmo espaço.

Entende-se hipermídia como um conjunto de nós e links em ambiente web. Os nós são fragmentos de conteúdos (texto, áudio e ou imagens) interligados por hiperlinks, que podem ser acessados de maneira linear ou não linear; já o hipertexto é uma forma de texto digital que apresenta links para outro documento. Marcuschi (2010) conceitua “Por hipertexto, entendo uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade”.

Cria-se a partir disso a necessidade de uma nova postura de escola, de professor, de aluno, ampliando as metodologias já existentes e incorporando a prática pedagógica as novas mídias.

Além das conhecidas pesquisas na internet, pode-se organizar blogs para os alunos postar seus trabalhos, agendar bate-papo com alunos de outras escolas, assistir filmes ou vídeos no

sobre o tema em estudo; explorar a nova escrita na internet ; desenvolver jogos, tabelas, gráficos; montar e editar vídeos das suas próprias histórias; slide show, produção de histórias em quadrinhos, slides feitos no Power Point ; produção e navegação em hipertexto; analisar como as notícias dos jornais são apresentadas na internet, entre tantas outras atividades.

O ideal seria apresentar aos alunos inúmeras possibilidades e ensiná-los a produzir mídia. Por fim, é importante ressaltar que as pessoas interagem o tempo todo através da linguagem e é isso nos diferencia dos outros animais.

3.3 A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO E OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS.

Ao pensar a literatura no Ensino Médio questiona-se sobre sua importância para formação do aluno, o espaço dado à disciplina e a forma como é trabalhada nas salas de aula.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) trazem um novo enfoque no qual a lista tradicional de conteúdos é incorporada e tratada por uma perspectiva maior, “a linguagem, entendida como espaço dialógico, em que os locutores se comunicam. (PCN. 2002, p.144).

A leitura literária é um modo de discurso, mas é diferente dos outros, pois garante ao leitor o exercício da liberdade, ajuda no amadurecimento do aluno, numa formação mais crítica, menos preconceituosa e mais humana.

Que outras razões existem para estudar Literatura no Ensino Médio? Segundo o dicionário Aurélio o primeiro significado de literatura é “arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso”, que é o contrário ao significado de trabalho que vem do latim *ter palium*, um instrumento de tortura feito com três paus, que se empregava com os escravos. Conceitos entre trabalho e literatura são referenciados nos Parâmetros Curriculares Nacionais, para explicar que literatura era associada à ideia de prazer e trabalho ligado à ideia de tortura.

Por muitos anos perdurou essa ideia, a literatura foi valorizada, principalmente pela burguesia e considerada sinônimo de cultura, de conhecimento e por isso os nobres que liam as obras literárias possuíam status e privilégios na sociedade, enquanto os trabalhadores de classe menos favorecidas teriam uma dedicação maior ao trabalho, não tendo muito acesso a arte e a literatura.

A modernidade e com ela todos os avanços de técnicas, mídia, mercado e a individualização efetuaram drásticas mudanças na sociedade. Num contexto em que são priorizados o tempo presente e a rapidez das transformações, os estudantes, na sua maioria, são obcecados pela imagem (TV e internet) e têm relegado para segundo plano a leitura literária.

Discutir o Ensino de Literatura nas escolas requer uma retomada do conceito inicial. Literatura é uma forma de arte, é educação da sensibilidade, é gozar a liberdade possibilitada pela fruição estética, humanização, ou seja, a possibilidade

de pensar sobre si mesmo e sendo assim todos os homens têm direito e acesso ao cânone literário.

Sendo a literatura um direito, os professores, administradores, pedagogos têm o dever de pensar o currículo levando em consideração o aluno que só vai cursar o Ensino Médio e também aqueles que irão para Ensino Superior. Desse modo, definir objetivos claros de aprimorar os conhecimentos do Ensino Fundamental, prepará-los para o trabalho, cidadania, autonomia, para o domínio da leitura e escrita.

Segundo Cândido (1995) humanizar seria confirmar no homem o exercício da reflexão, a aquisição do saber, disposição com o próximo, afinamento de emoção, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, perceber as belezas do mundo e dos seres e o cultivo do humor. Em outras palavras a literatura humaniza quando torna as pessoas mais afetivas, compreensivas para com o outro.

Numa sociedade conectada e repleta de informações, na mesma medida em que se luta para reduzir as taxas de analfabetismo é importante também a preocupação com o letramento dos indivíduos, ou seja, adquirir competências de usar tanto a leitura quanto à escrita nas práticas sociais.

O letramento na literatura seria a capacidade de se apropriar do que leu para ampliar horizontes, lapidar a sensibilidade, e ter uma melhor compreensão do mundo. O prazer estético - referenciado nos documentos oficiais - é a possibilidade dos indivíduos ter contato com a diversidade de representações de subjetividades da cultura letrada.

Nas escolas é comum encontrar professores de literatura uns mais autoritários e tradicionais que só trabalham os autores canônicos como Machado de Assis (Maior nome da literatura brasileira no século XIX, escreveu praticamente todos os gêneros)- e outros mais democráticos que lançam mão de todo e qualquer texto para trabalhar em sala de aula com um Rap de Gabriel Pensador, por exemplo.

É importante considerar o que já é cânone literário como também outros textos que fazem parte do saber popular, não selecionar um em detrimento do outro. Por que alguém pertence a uma classe social menos favorecida não significa que não têm o direito a ler uma obra de Mário de Andrade (escritor brasileiro modernista, viveu no século XX e escreveu importantes obras da literatura), ou

porque é mais rico não pode ter acesso à canção ou obras mais populares com linguagem coloquial.

Vale ressaltar ainda que a obra literária com grande valor cultural precisa causar estranhamento, o prazer estético e discernir ainda o que é um texto literário ou um texto de consumo.

Fruição trata-se do aproveitamento satisfatório e prazeroso de obras literárias, musicais ou artísticas, de modo geral bens culturais construídos pelas diferentes linguagens, depreendendo delas seu valor estético. Aprender a representação simbólica das experiências humanas resulta da fruição dos bens culturais. Podem propiciar aos alunos momentos voluntários para que leiam coletivamente uma obra literária, assistam a um filme; leiam poemas de sua autoria- de preferência fora do ambiente da sala de aula; no pátio, na sala de vídeo, na biblioteca, no parque. (PCN, 2002, p.67).

A fruição de um texto literário se refere à apropriação dele por parte do leitor, a participação do mesmo na construção de significado do texto. A experiência será rica se houver entrega à fruição estética e isso depende do letramento do leitor.

Por ser polissêmico e permitir múltiplas interpretações a leitura do texto literário deve ser primeiramente silenciosa, individual e reflexiva, só assim poderá atingir a subjetividade do leitor e a capacidade de realizar releituras e discussões com os colegas.

Há uma dificuldade em conceituar prazer estético, já na antiguidade Aristóteles (filósofo grego que viveu entre 384-322 a.c um dos pensadores com maior influência na cultura ocidental) analisava essa questão dizendo que o prazer estético tem dupla origem; uma proveniente dos sentidos (prazer diante da técnica perfeita de imitação) e outra intelectual (prazer pelo reconhecimento da imagem original no imitado).

Em nossa sociedade há fruição segundo as classes na medida em que um homem do povo está praticamente privado da possibilidade de conhecer e aproveitar a leitura de Machado de Assis ou Mário de Andrade. Para ele, ficam a literatura de massa, o folclore, a sabedoria espontânea, a canção popular, o provérbio. Estas modalidades são importantes e nobres, mas é grave considerá-las como suficientes para a grande maioria que, devido à pobreza e à ignorância, é impedida de chegar às obras eruditas. (CÂNDIDO, 1995, p. 256-257).

As orientações curriculares consideram importante para o Ensino Médio as criações poéticas, dramáticas e ficcionais da cultura letrada, de forma a garantir a

democratização dos bens culturais, para que se torne acessível aos leitores, principalmente nas escolas públicas, ou seja a fruição o prazer estético não deve ser privilegio de uma classe.

Atualmente têm se observado uma recusa em ler os clássicos da literatura, na escola e fora dela. O que acontece na maioria das vezes é uma leitura aleatória, desordenada. As escolhas dos jovens não podem desconsiderar os filtros feitos para escolha de livros desde antes de chegarem às escolas, esses filtros variam conforme o letramento literário dos leitores que fazem as seleções.

As escolhas do que é apropriado para leitura em cada etapa escolar são feitas por instâncias legitimadas e autorizadas como o Ministério de Educação e Cultura, que por sua vez definiram anteriormente o que é importante para os jovens e crianças, de acordo com o que é cobrado em concursos, avaliações e outras divulgações.

Na passagem do Ensino Fundamental para o Ensino Médio os alunos reduzem as leituras de textos ficcionais e há o início do estudo da história da literatura e os estilos de época. O mais grave é o afastamento de alguns alunos dos livros, quando solicitados a ler, leem resumos, ou trechos de obras presentes nos livros didáticos.

Ao iniciar qualquer atividade relacionada à leitura o professor de literatura precisa resgatar o leitor, comentando sobre obras lidas, dando suas impressões, dando liberdade para escolherem as obras, buscando uma familiaridade com os livros. Contudo isso demanda tempo e acesso a várias obras. Às vezes é fora do ambiente escolar, por escolhas próprias, que os alunos tomam gosto pela leitura e a escola por sua vez não pode desconsiderar a experiência leitora anterior.

Dentro do quadro apresentado ao elencar os conteúdos base de literatura no ensino médio é necessário priorizar não apenas as obras da tradição literárias legitimadas como expressiva de uma época, mas outras obras contemporâneas e significativas para o aluno. E após a aquisição de hábito de leitura, pode - se propor outras atividades mais reflexivas.

3.4 TRANSPOSIÇÃO DE GÊNERO

A transposição de um gênero textual ou literário para outro, se trata do entrelaçamento entre texto, imagem e som e sempre despertou interesse nas mais diversas culturas é um fenômeno muito antigo que foi preservado até hoje. Entretanto antes da escrita os textos eram criados e memorizados depois se transpôs as histórias para registros escritos através da oralidade.

O texto e a música são antigas relações de ‘intersemiótica’ – define-se como o ato de transportar, transferir, supondo-se a existência de algo inerente ao texto, um novo sentido que vai ser dado em novo texto. No início esteve ligado a cantos e rituais sagrados. O ritmo, a rima e eram usados para facilitar a memorização.

Para Plaza (2003) a melhor definição para intersemiótica “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais, ou de um sistema de signos para outro, por exemplo, da arte verbal para a música, a dança, o cinema ou a pintura’, ou vice-versa”.

As relações entre texto e imagem também são antigas já estavam presentes na obra “Arte poética” de Horácio, obra em que a linguagem é considerada arte.

Atualmente há uma intercomunicação entre linguagens estéticas diferentes com estudos que estão sendo chamados de interartes, a área que estuda as relações existentes entre literatura e as demais expressões artísticas (como cinema, televisão, teatro, pintura, desenho, entre outros).

Nesses estudos o pesquisador compara como as obras literárias são adaptadas para outra linguagem. É processo de transposição interartes de uma linguagem verbal por uma não verbal. O cinema fornece elementos estéticos para literatura e vice-versa.

Segundo CLÜVER (1997) apud (MARTINS, 2012) a transposição interartes é como uma tradução intersemiótica da linguagem vai além da análise semiótica e analisam aspectos socioculturais do texto artístico visual ou verbal.

Com a expansão da internet os estudos intertextuais e intermediáticos ganharam novas dimensões. A todo o momento qualquer pessoa do mundo que

esteja conectada pode postar na rede textos de vários gêneros (só texto escrito, escrito e com som, escrito com som e imagem, gravuras, quadrinhos entre tantas outras opções).

Os estudos interartes é uma nova área de estudos literários comparados, ligados as relações com a teoria literária, da comunicação e semiótica, um campo rico em possibilidades interpretativas.

Para (CLÜVER,1997) interartes é um conceito que está em construção e tem como sinônimo intermídia, e são oriundos dos conceitos intertextualidade, transposição semiótica.

A intertextualidade e a intermedialidade propostas pelo autor sugere que qualquer mídia, de natureza estética ou não constitui objeto de pesquisa para estudos interartes. O processo de transposição entre a literatura e o cinema exige do roteirista várias questões que devem ser consideradas como as diferenças entre o texto escrito (como o romance) e o audiovisual. Se ficar preso à fidelidade a obra literária perde-se expressividade.

A transposição de textos literários para outras artes ou mídias (filme, pintura, canção, vídeo etc.) requer um olhar atento à complexa representação visual do texto escrito. Considerando o texto fonte o livro literário para produção de roteiro, por exemplo, mudando o suporte muda a forma de linguagem.

(...) a transposição do texto literário para outras artes e outras mídias é algo corriqueiro em nossa cultura visual e verbal contemporânea. Todos os dias, textos, literários ou não, são transformados em filmes, peças teatrais, séries e novelas de televisão, propagandas, de modo que a circulação de textos através de mídias predominantemente visuais criou uma nova dieta estética, cultivada pela transformação do signo verbal em signo visual ou vice-versa, cujas características mobilizam outras forças de leitura e recepção. (MARTINS, 2012).

A literatura e o cinema compartilham elementos importantes como os personagens, tema, gêneros, voz narrativa, enredo, estratégias, sendo assim é fácil transpor agregando elementos de uma arte para outra, criando uma nova produção. Como exemplo desse estudo que propõe transpor romances da literatura brasileira para roteiro e a partir do roteiro produzir um vídeo.

4. A PRODUÇÃO DE VÍDEO COMO RECURSO PEDAGÓGICO

A produção de vídeo pode ser uma aliada do processo de ensino aprendizagem porque é uma atividade que faz parte do cotidiano dos alunos, pois muitos deles possuem câmera digital, celular, tablets e gostam muito de filmar, fotografar.

A criação do vídeo no contexto educacional exige um planejamento com objetivos bem definidos, que leve o aluno a ler, escrever, criar além de filmar e editar o que é mais adequado ao que querem expressar. Para explorar bem todas as etapas do trabalho o aluno ainda precisa conhecer técnicas de filmagens e dominar o software de edição.

No romance escrito, os cenários, os personagens, o tempo, e os conflitos são descritos com palavras, e às vezes é preciso ler lentamente uma página para compreender onde se passa a história. No audiovisual aquilo que era escrito pode ser representado por imagens, sons, luz e acrescidos das falas dos personagens.

As riquezas das representações em grupo se dão no encontro de várias visões e interpretações do que se leu. Cada linguagem é mediada num contexto, no caso as obras em estudo foram escritas no século XX, mas se passou algum tempo, significa que o canal e o código (Livro) não são garantia que o leitor do século XXI consiga compreender a mensagem como foi passado pelo emissor, da mesma forma que o leitor da época em que a obra foi produzida.

As mensagens atingem os leitores de maneira diversa. Assim o roteirista escreve com ajuda dos demais componentes do grupo para juntos chegarem num consenso do que vai para o roteiro, pois o mesmo é mediador entre um código verbal (livro escrito) para passar ao audiovisual.

4.1 A PRODUÇÃO DO ROTEIRO

O roteiro pertence ao gênero literário e consiste numa forma escrita de um projeto audiovisual, abrange (teatro, cinema, vídeo, televisão). Field (2001) define roteiro como uma “história contada em imagens, diálogo e descrição, dentro do contexto de uma estrutura dramática”.

A escrita do roteiro é diferenciada porque o produto final pode comunicar de forma simultânea ou alterada e nisso se aproxima da escrita dramática e do romance, pela possibilidade de narrar, manipular a fantasia, por ser ficção não há dependência só da representação humana.

Escrever um roteiro requer imaginar além das ações e diálogos, mas também pensar os silêncios, as pausas, os movimentos, conjunto de imagens, sons, efeitos numa trama. Uma combinação de narração e descrição de uma trama.

Para (COMPARATO, 1949) o roteiro possui três aspectos fundamentais: “logos”, “pathos”, “ethos”. A palavra “logos” dá estrutura geral ao roteiro, já “pathos” é a parte dramática da história humana (ações, conflitos, acontecimentos), é o que gera nas pessoas as alegrias, tristeza, divertimento ao ver o espetáculo. A mensagem escrita é o significado último da história e é chamado “ethos”, a razão pela qual se escreve.

Para escrever um roteiro encontra-se um tema, no presente estudo a base será o livro literário. A partir daí estrutura-se a ideia em torno da qual os alunos vão criar o roteiro selecionando, recortando as partes da obra que mais se identificaram e também personagens que irão compor as cenas.

O roteiro é organizado por cenas na sequência da história, faz-se uma revisão. Para uma boa organização segue-se algumas etapas, depois do tema busca-se os principais conflitos, personagens mais significativos, ações, a época em que se desenvolve a história o chamado tempo dramático e onde ocorrerão as cenas.

A boa escolha de situações de conflito é fundamental para o sucesso do audiovisual. Se o aluno, no caso da adaptação da obra literária, fizer um recorte da obra de um trecho que não há conflito o vídeo ficará monótono, sem sentido.

Uma frase curta que contém a síntese do conflito é chamada de “Story Line” (fundamentos da trama). Assim, se no romance já havia conflitos, no roteiro pode-se aproveitar e reelaborar, como criar novos conflitos atualizando a história original.

É importante também a escolha dos personagens através delas é elaborada a sinopse. Há uma localização dos mesmos no tempo, nos espaços. É na sinopse que se descreve os personagens principais.

Já a ação compreende em como contar o conflito dos personagens, o que, onde, quando e com quem acontece tal fato (a ação dramática). É a organização do enredo em cenas, um esqueleto ainda sem os diálogos. Depois, acrescentam-se o tempo dramático e a noção de quanto tempo vai durar cada cena, e por último inserem-se as emoções dos personagens, pausas.

A unidade dramática é o guia final que será usado para filmagem. Quanto mais bem elaborado o roteiro mais chances de sucesso na produção audiovisual. Na produção do roteiro literário observam-se os pormenores da cada cena, a ação dramática, o que será feito, os diálogos, as pausas; já o roteiro técnico servirá para planejar os closes, movimentos de câmera, iluminação em que parte há necessidade de acrescentar sons, música, efeitos entre outros.

4.2 A PRODUÇÃO DE VÍDEO COM O USO DO SOFTWARE MOVIE MAKER

Depois de muito tempo como espectadores de vídeos agora os estudantes tem a possibilidade de tornarem-se produtores. Finalmente o recurso chega à sala de aula para aproximar o aluno da sua realidade e ajudar na construção do conhecimento.

Ainda aliado a TV como meio de lazer, atrelado a ideia de alguns de que assistir filmes é matar aula, o vídeo aos poucos ocupa um espaço importante nas metodologias desenvolvidas nas escolas. Tem sido usado como recurso para desenvolver conteúdos de diferentes componentes curriculares, às vezes por orientação do professor e outras por iniciativa de alunos com mais interesse que gostam de usar tecnologias.

Para (MORAN, 1995)

Vídeo significa também uma forma de contar multilingüística, de superposição de códigos e significações, predominantemente audiovisuais, mais próxima da sensibilidade e prática do homem urbano e ainda distante da linguagem educacional, mais apoiada no discurso verbal-escrito. (MORAN,1995).

A produção de vídeo permite um cruzamento de diferentes linguagens, códigos cada um com uma significação. Nesse contexto, aguça a sensibilidade e a criatividade, proporciona muitas interações, negociações entre os alunos, porque mesmo sendo um grupo com pensamentos tão diversos precisam entrar num consenso para selecionar o que se adaptará para do vídeo.

4.3.O SOFTWARE MOVIE MAKER

O software Movie Maker é um programa de computador que vem no sistema operacional Windows e com ele podem-se criar filmes, vídeos curtos, acrescentar efeitos, sons, textos escritos, legendas. As imagens podem ser capturadas por filmadoras e ou câmeras fotográficas, ou até mesmo fotografias que podem ser intercaladas a cenas de vídeos. Para criar um vídeo usando o Movie Maker é preciso ter o material salvo no computador e o programa instalado na máquina.

Após um roteiro bem elaborado tendo em vista não só a parte literária, mas também a técnica, é hora de realizar as filmagens, criar as cenas ou coletar imagens, selecionar as músicas, efeitos. Se quiser criar narração de voz é preciso conectar um microfone ao computador. Todo material a ser usado deve ser salvo em pasta no computador.

A figura 1 ilustra um exemplo de tela do software Movie Maker

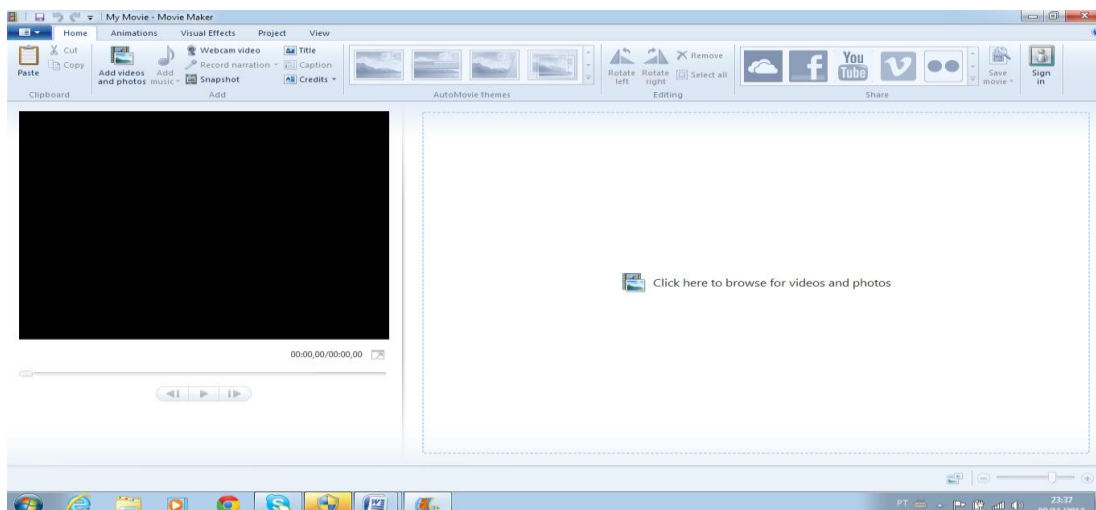


Figura 1. Tela inicial do Software Movie Maker

Com a captura do material pronto, parte-se para a edição dentro do programa Movie Maker, partindo da tela inicial, onde é possível incluir títulos, transições diferenciadas, trilhas sonoras (recortar um trecho da música ou início de um som), enfim, incluir arquivos salvos no computador.

Para abrir o Software, normalmente, utiliza-se a seguinte sequência: iniciar-aponta-se a seta do mouse para a opção - todos os programas e seleciona o programa Windows Movie Maker.

No quadro tarefas de filme, clica-se no link “Clique aqui para importar Vídeo e fotos”, inicia-se o projeto salvando a cada cena o que for acrescentando no vídeo e repetindo esse procedimento ao longo da criação.

Quando a opção for por imagens ou ilustrações, incorporam-se no trecho escolhido as imagens selecionadas. Para importar áudio ou música, dá-se um clique em importar áudio ou música, que poderá aparecer como fundo de cena ou como áudio principal.

Organizado todo material na área coleção, arrasta-se na sequência desejada para a ‘Linha do tempo’ (barra horizontal abaixo na tela). Colocadas todas as cenas, os sons, tem-se uma sequência de material que ainda não é o vídeo. Para trocar um clipe de lugar, basta clicar nele que ficará selecionado e arrastar para o lugar desejado. Nas filmagens criam-se clipes (trechos com cenas) e depois ao editar o

vídeo, pode-se cortar o início ou o final da cada clipe e ir colocando da ordem desejada.

A figura 2 ilustra um exemplo de Linha do tempo no Software Movie Maker quando o projeto está montado.

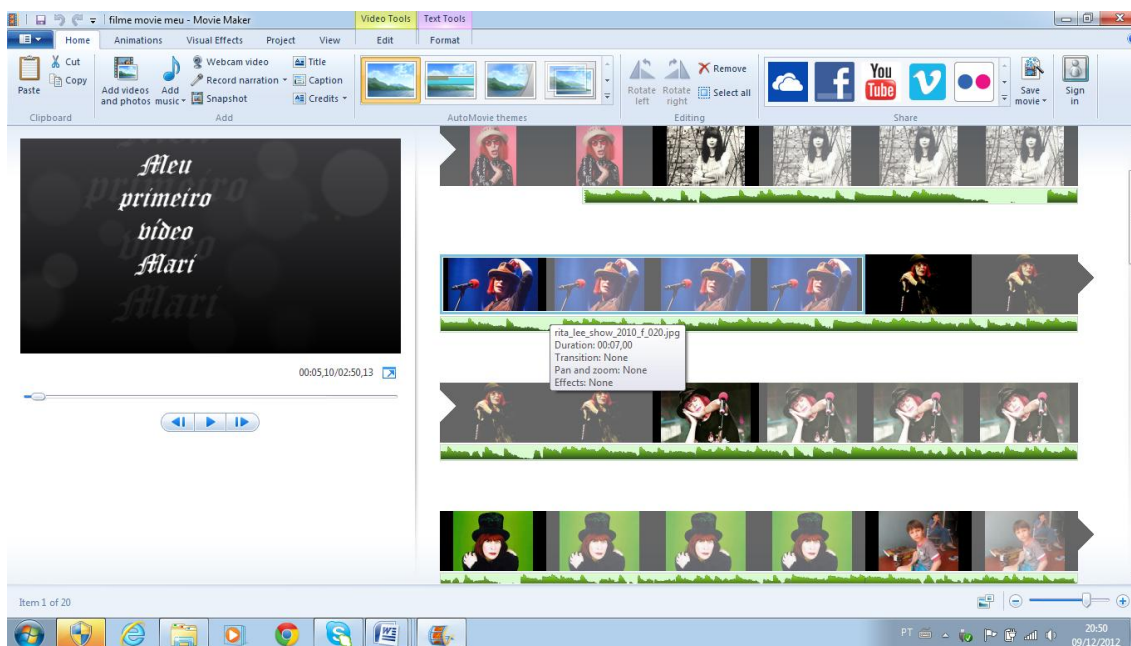


Figura 2. Linha do Tempo no Software Movie Maker

Pronta às etapas anteriores é hora da edição do vídeo, o trabalho se concentra no controle deslizante do indicador de reprodução, na “Linha do Tempo”. Aparece uma linha vertical azul com um quadrado na parte superior.

Ao executar o filme, essa linha indica a parte que será exibida, caso o editor não deseje que a cena fique naquela posição deve arrastar para outro ponto. No início ou no fim do clipe existem as alças de corte, para descartar o trecho final ou o inicial, por exemplo, arrasta-se a alça até a linha azul.

Nos deslocamentos vão aparecendo às imagens no monitor, o material não é apagado, apenas trocado de lugar. Para eliminar um trecho do clipe é preciso arrastá-lo para linha de tempo e editar. Depois de editado arrastá-lo para o lugar escolhido (o procedimento vale para clipes de vídeo ou áudio).

A figura 3 ilustra um exemplo da tela do Software Movie Maker - Edição de vídeo.

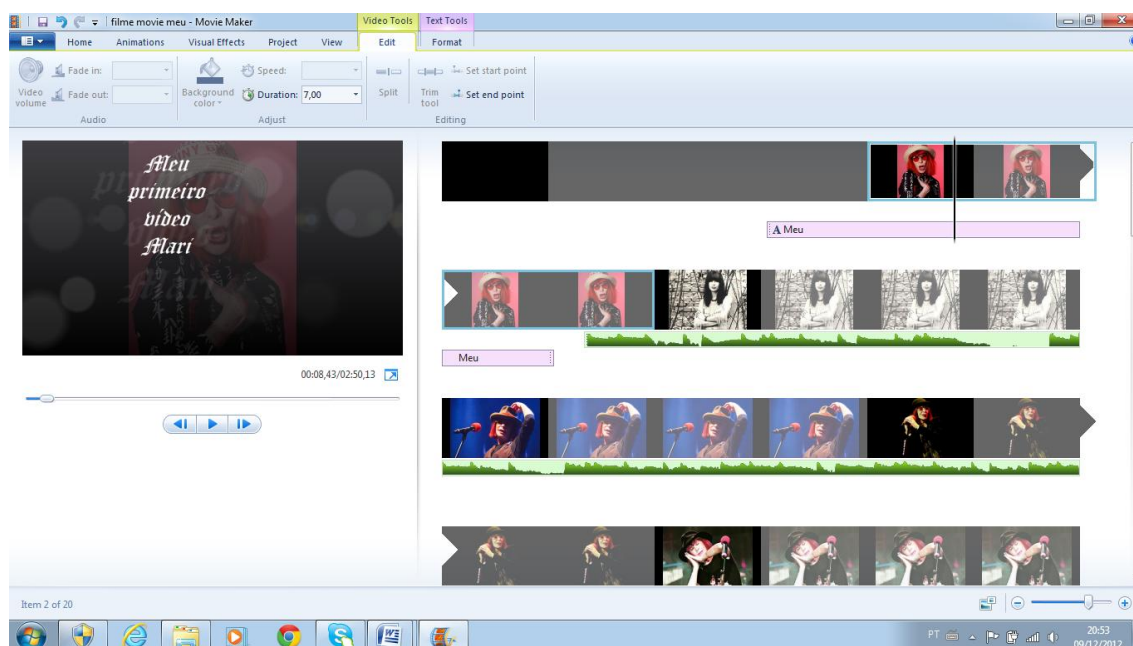


Figura 3 Tela - Edição de vídeo do Software Movie Maker.

O Software Movie Maker possui vários recursos para editar o vídeo, pode-se suavizar a passagem de um clipe para o outro, usando a transição de vídeo. Em tarefas de filmes, clica-se em Exibir Transições de Vídeo, ali há 60 opções de transição, faz-se a escolha desejada e aciona-se a opção Executar. Depois arrasta para Linha de Tempo e se solta na posição escolhida. Para excluir clica-se com botão direito, na transição que está na Linha do Tempo.

A Transição no Software Movie Maker é o que controla como o filme passa de uma imagem para outra ou um videoclipe para o seguinte. Há várias opções e pode-se escolher, por exemplo, a imagem entrar formando barras, deslizando.



Figura 4 –Tela de Transição de vídeo no Software Movie Maker.

Para adicionar efeitos seleciona o trecho e no quadro ‘Tarefa de Filmes’, clica no comando ‘Exibir Efeitos de Vídeo’, no qual aparece um novo quadro com as alternativas, seleciona-se a escolhida e clica em ‘Executar’. Depois arrasta o efeito sobre o clipe. Para removê-lo clica com botão direito na caixa Efeitos de Vídeo, ‘Remover’.

O programa permite ainda colocar um título geral no início do vídeo e antes de cada clipe, letras sobre as cenas e no final inserir créditos ao filme. Para essa função clica-se em ‘Tarefas de Filme’, criar títulos ou créditos e escolher uma opção. Pode-se modificar o layout de apresentação de créditos, sobrepor textos as imagens.

Além de todas as funcionalidades elencadas há também a possibilidade de acrescentar uma trilha sonora, para isso arrasta-se o arquivo de música ou outro som da pasta onde está salvo, para dentro da ‘Linha do Tempo’. Na faixa áudio/música ajuste para o som coincidir com o trecho previsto no roteiro. Usem-se os mesmos recursos usados nas cenas para edição do som.

Caso o vídeo produzido precisar de uma narração de voz deverá ser feita em sincronia com as demais partes, vídeos, cenas, áudios. Conecta-se um microfone ao computador, na Linha do Tempo posicione o controle deslizante no local onde quer inserir a voz e dê o comando Ferramentas/narrar Linha do Tempo, iniciar Narração e é só falar o que quer gravar, por fim Parar narração, concluído.

Durante a realização da edição do vídeo salve o projeto para ir guardando o que foi editado. O programa gera arquivo com extensão MSWMM Ao final use o

comando salvar no computador, na seção Concluir, o software vai gerar um arquivo WMV ou outro formato, é o produto final deve ser guarda numa pasta.

O programa Movie Maker tem sido amplamente usado nas escolas para realizar atividades nos diferentes componentes curriculares por ser um recurso com muitas possibilidades de criação e de fácil utilização. Sendo assim será utilizado como ferramenta pedagógica para aplicação neste estudo. Em razão da evolução da tecnologia qualquer um pode ser um cineasta amador.

4.4 AUTORIA E COLABORAÇÃO NO PROCESSO DA PRODUÇÃO DO VÍDEO

A internet é um arquivo global e por oportunizar que qualquer pessoa acesse leia, poste material faz dela uma teia complexa de conhecimento e informação oriundos de interações, colaborações e autorias. Qualquer pessoa do mundo com acesso a internet pode interagir com outras mesmo estando distante, ou ser autora de textos, mensagens, vídeos, material audiovisual, entre outros e publicar o material em páginas individuais ou coletivas.

Tudo que vem sendo produzido pelos internautas e reunidos na rede de computadores conectados formam uma inteligência coletiva. Cada pessoa que postar, desde uma mensagem, um comentário, uma tese, fotos, uma experiência de vida, faz parte de uma teia global. Em outras palavras a inserção na cultura digital não pode mais ser ignorada, uma vez que mesmo em espaços escolares com número pequeno de computadores, os alunos estão trazendo para salas de aula notebooks pessoais, celulares, tablets com acesso a internet, entre outros.

Outro termo desenvolvido por Lévy é o da Inteligência Coletiva, um princípio onde as inteligências individuais são somadas e compartilhadas por toda a sociedade, potencializadas com o advento de novas tecnologias de comunicação, como a Internet. "Ela possibilita a partilha da memória, da percepção, da imaginação. Isso resulta na aprendizagem coletiva, troca de conhecimentos", disse o filósofo francês. LEVY, Pierre, 2012.

A wikipedia é um exemplo de inteligência coletiva é uma enciclopédia virtual aberta a todas as pessoas do mundo para postagens de conteúdos sobre qualquer assunto. Permite acrescentar conceitos já editados, reorganizar é revisada

constantemente e é democrática porque não exclui ou prioriza um saber em relação ao outro.

Pierre Lévy (2012) em Conferência realizada em São Paulo quando falou sobre o ciberespaço no desenvolvimento da comunicação humana, mencionou alguns estágios pelo qual passou a humanidade até chegar à atualidade. O desenvolvimento da oralidade através da transmissão oral, mitos, ritos; o desenvolvimento da escrita como registro da memória, técnica autônoma da imagem; o alfabeto como a universalização e digitalização da escrita; a imprensa como a reprodução da técnica do alfabeto e das imagens e por último, o ciberespaço como o ecossistema de ideias e constituição da noosfera.

O conceito de noosfera foi elaborado no início do século passado pelo francês Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955) Crente da possibilidade e da vocação comum de ação compartilhada em benefício de uma nova humanidade, o pensador cunhou um conceito que evoca o compartilhamento de se alcançar um mundo melhor. MARTINUZZO, (2003)

Segundo Levy (2012) toda humanidade contribuiu para o estágio atual de evolução da comunicação, há colaboração global de pessoas que continuam interagindo e produzindo conhecimento o tempo todo.

Diante da realidade apresentada todo currículo escolar precisa ser repensado. Além da inclusão das tecnologias da escola, planejar atividades interdisciplinares e ou transdisciplinares, estimulando a interrelação entre os conteúdos, a colaboração e as trocas de saberes.

As novas tecnologias trazem para escola a necessidade de repensar práticas pedagógicas, as quais possibilitem o desenvolvimento de ambientes de aprendizagem coletivos tanto presenciais quanto à distância.

O professor passa de transmissor para mediador do conhecimento, numa atitude mais reflexiva, crítica e compartilhada com os saberes dos alunos. Mais importante que saber coletar informação é saber selecionar e analisar o que é adequado aos objetivos propostos. Realizar trabalhos ora individuais ora em grupo, incorporando ao currículo os saberes dos alunos levando-os a avançar em relação ao conhecimento e ao uso eficiente das tecnologias.

Valente (1999) afirma que “a introdução de novas ideias depende fundamentalmente, das ações do professor e dos seus alunos”. Porém essas ações, para serem efetivas, devem ser acompanhadas de uma maior autonomia para tomar decisões, alterar o currículo, desenvolver propostas de trabalho em equipe e usar novas tecnologias da informação.

Ao professor cabe ainda à tarefa de adquirir conhecimento ao longo da carreira através de atualizações constantes, ser criativo no planejamento das atividades, saber resolver problemas, ter autonomia e conseguir trabalhar em grupo de forma colaborativa e construtiva. De forma a dotar os alunos de capacidade de inovação, criação, adaptação a diferentes pessoas, lugares e situações para que possam resolver problemas do dia a dia e consigam acompanhar os avanços da sociedade.

Atualmente, é prática comum em muitas escolas realizar as tradicionais pesquisas ou trabalhos em grupos com o uso da internet e outros recursos tecnológicos. Nessas práticas os alunos trocam informações tanto presenciais quanto à distância num processo com interações constantes onde até brigas acontecem. No final socializam os resultados com apresentações orais momentos em que mostram fotos, vídeos, slides, cartazes, relatos de observações. O diferencial das pesquisas está no uso das tecnologias, nas amplas possibilidades de coletar informações, dados da pesquisa, interagir com os colegas e com outras pessoas e ainda poder publicar as produções.

Outro ponto a ser destacado nos trabalhos em grupo é que a pesquisa pode ser interdisciplinar, pois na vida tudo está interligado e na escola é feita a divisão dos conhecimentos conforme os componentes curriculares, na maioria das vezes de forma estanque.

O trabalho pedagógico que prioriza a autoria e a colaboração deve iniciar com a formação do professor em relação ao uso das tecnologias, pois só conhecendo poderá ajudar os alunos, reunir-se com outros colegas para fazer um planejamento coletivo, construir novas formas de organização dos conteúdos, menos individual e mais coletiva. Para isso precisa conhecer bem sua área de atuação, comprometer-se, estar aberto a mudar de opinião, criticar e ajudar a construir propostas mais interativas.

As trocas que iniciam entre professores continuam na sala de aula através do estímulo aos alunos para pesquisa, autonomia intelectual, produção do seu conhecimento de forma colaborativa. Nas práticas elencadas não há questionamento em relação ao que é certo ou errado e não prevalece a ideia de que professor sabe tudo e por isso é o transmissor de conteúdos.

A coleta de dados é apenas uma etapa da pesquisa, para fazer sentido o material precisa ser selecionado, analisado, averiguando se aquele conhecimento ou informação pode contribuir para formação do aluno no contexto onde está inserido.

A internet, um universo rico de conhecimento se descortina para o aluno, pois ali é o espaço em que ele poderá ter acesso ao que é produzido no mundo inteiro, além de poder interagir com pessoas, entrar e conhecer museus, produções de universidades, inovações, descobertas do mundo todo ou somente conversar com colegas e amigos.

O trabalho em equipe tanto de professores quanto de alunos ou entre ambos é um processo contínuo de trocas, requerem objetivos claros, planejamento, avaliações. Um trabalho bem difícil uma vez que as pessoas pensam diferentes umas das outras, por isso são necessárias vários acordos, negociações e o estímulo à convivência harmoniosa.

O uso das tecnologias na sala de aula propicia a busca pelo conhecimento em ambientes colaborativos, entre eles pode-se citar: o correio eletrônico, editores de textos colaborativos (wikis), sala de aula virtual, redes sociais, todos são espaços de trocas e discussões.

Presencialmente, em sala de aula, as negociações, brigas, acertos iniciam na hora da formação dos grupos, momento de aprendizagem tão importante quanto os demais, percebe-se que alguns alunos não conseguem interagir com os colegas, são individualistas demais, não aceitam opinião alheia e outros são líderes, pois percebem que existem ganhos individuais e para o grupo quando as ideias são somadas e não divididas.

Todas as aprendizagens propiciadas com a vivência em grupo são fundamentais para vida em sociedade. Aquele que consegue trocar experiência na escola ou aceitar a opinião do outro terá mais facilidade no mercado do trabalho. E

para isso precisa: constante atualização para acompanhar a evolução; saber transformar informação em conhecimento, trabalhar em equipe para resolver problemas, ser criativo e crítico e acima de tudo que saiba se comunicar bem dominando as diversas formas de linguagem.

5. METODOLOGIA DE PESQUISA

Considerando a importância das competências de saber ler e escrever bem como a urgência de repensar as práticas escolares tradicionais incluindo as novas tecnologias no currículo, propõe-se estudar, observar como acontece a prática pedagógica em aulas de literatura com os alunos do Ensino Médio de uma escola pública de Ijuí - Rio Grande do Sul.

Busca-se incentivar a leitura de romances e poesias, trabalhar com a escrita de forma compartilhada (em pequenos grupos) e a exploração do software Movie Maker para produção de vídeos.

A escolha por uma pesquisa qualitativa e quantitativa se deu porque serão feitas observações durante o desenvolvimento das atividades e entrevistas aos alunos (com questões objetivas e subjetivas), seguidas de análise do material coletado. Sem buscar certezas, nem julgar o certo ou o errado, mas compreender o potencial da prática observando os alunos trabalhando em sala de aula.

A produção de vídeos pode oportunizar o incentivo à leitura e a releitura de obras da literatura aos alunos do Ensino Médio. Assim se faz necessário descrever a proposta metodológica aplicada numa Escola Estadual da região noroeste do Rio Grande do Sul. Busca-se analisar a prática desenvolvida nas aulas, em uma turma de alunos do terceiro ano, os mesmos, possuem na grade curricular o componente Literatura e dentro dele o conteúdo modernismo, mais especificamente, o legado deixado pelos autores modernos e contemporâneos as suas obras literárias. O trabalho também conta com a contribuição do componente Língua portuguesa.

A pesquisa parte da divisão dos alunos em grupos, escolha de autores e obras modernos, dos gêneros: romance e contos. Após a opção por um romance ou um conto de um dos escritores listados:

- Erico Veríssimo - Romance (Um Certo capitão Rodrigo);
- Jorge Amado - Romance (Capitães da Areia)
- Simões Lopes Neto - (Contos gauchescos);
- Dionélio Machado - (Os ratos).

Após a escolha dos componentes do grupo, foi feita a retirada dos livros na biblioteca e a leitura das obras individualmente e um resumo dos trechos mais significativos da história e anotações de algumas falas de personagens principais.

O estudo segue após a leitura com a discussão nos grupos do que cada um apontou como interessante. Um coordenador vai anotando as decisões, e começa um retorno à obra para avaliar o potencial dos trechos escolhidos. Seleção de personagens, espaços onde ocorrem as cenas, tempo, trazendo à adaptação da obra a época atual, momento em que iniciam a escrita de um roteiro literário. Além do estudo da história, outro desafio, produção textual fazendo transposição de gênero romance e ou conto para um roteiro literário.

No processo de releitura os alunos precisam compor novos personagens a partir daquelas presentes na obra lida, no entanto, trazê-los para o contexto atual em que a nova história esteja em sintonia com o respeito aos direitos humanos.

Nesse momento, busca-se o apoio de novas mídias para enriquecimento dos roteiros, como assistir vídeos feitos a partir das adaptações de obras e disponibilizados na internet, ler versões da obra on line, resenhas críticas, resumos, referências em quadrinhos ou pinturas.

Concluída a escritura do roteiro literário, segue-se com a produção de um roteiro técnico, momento em que há necessidade de buscar o aprimoramento do trabalho, os detalhes referentes ao que vai ser falado e o que será feito, a música

que irão inserir no vídeo, outros sons, os enquadramentos para as filmagens, locais de filmagem, luminosidade entre outros recursos disponíveis na internet.

A produção de vídeos não exige ferramentas sofisticadas ou desconhecidas, os alunos usarão as câmeras fotográficas digitais, celulares com câmera pessoais ou filmadoras, computadores conectados à internet com o programa Movie Maker já instalado e outros programas para adição de som, efeitos, caso os alunos quiserem.

O primeiro e importante passo é a motivação para que sejam realizadas as leituras das obras literárias que servirão de norte para a produção do roteiro de vídeo. Reforçar a importância do trabalho em equipe e da participação de todos os componentes do grupo. Refletir com colegas, entrar em um consenso do que vão priorizar resolver problemas, divergências individuais.

Ler sobre o processo de produção de um filme, como é a divisão do trabalho, e o papel de cada indivíduo na equipe: o diretor, o roteirista, o cinegrafista, os atores etc. Conhecer a linguagem específica do mundo audiovisual.

Concluídos os vídeos é hora da socialização dos resultados, uns assistem as produções dos outros. Além das observações em todo processo, far-se-ão algumas entrevistas com os alunos para saber como foi o trabalho, o que pensam que foi produtivo e em que poderiam melhorar, tendo como critérios os principais passos do estudo: leitura, escrita, filmagem, edição de vídeo .

Após assistir os vídeos foi feita uma análise das cenas considerando os recursos utilizados, figurinos, adequação a obra, releitura feita com contextualização em aspectos da realidade atual, uso adequado do Software Movie Maker, representações de cultura e influência de mídia. E por fim a análise de entrevistas feitas com os grupos onde avaliaram todo o processo.

6. A REELEITURA DE OBRAS LITERÁRIAS ATRAVÉS DA PRODUÇÃO DE VÍDEO: ANÁLISE DE RESULTADOS.

A pesquisa sobre o uso do Movie Maker para produção de vídeo: incentivo à leitura e releitura de obras literárias por alunos do Ensino Médio, enfocou tanto o processo de produção, como as entrevistas realizadas pelos alunos e os vídeos prontos. Discorre-se a partir daqui sobre o processo e os resultados. Percebe-se que a produção de vídeo é um excelente recurso para se trabalhar com a leitura e a escrita no grau de ensino analisado.

Moran (2000), explica que

(...) A produção em vídeo tem uma dimensão moderna, lúdica. Moderna, como um meio contemporâneo, novo e que integra linguagens. Lúdica, pela miniaturização da câmera, que permite brincar com a realidade, levá-la junto para qualquer lugar. Filmar é uma das experiências mais envolventes, tanto para as crianças como para os adultos. Os alunos podem ser incentivados a produzir dentro de uma determinada matéria, ou dentro de um trabalho interdisciplinar. E também produzir programas informativos, feitos por eles mesmos, e colocá-los em lugares visíveis dentro da escola e em horários em que muitas crianças possam assisti-los.(Moran, 2000, p. 41).

Para realização da pesquisa foi planejado um roteiro de trabalho entre os professores de literatura e português. Primeiro elencaram-se as principais obras a ser indicadas para leitura, conforme o conteúdo desenvolvido na série e grau de ensino e depois detalhando com os alunos como seria o desenvolvimento de todas as etapas.

Em seguida, realizou-se a organização dos grupos, retiradas dos livros na biblioteca, ou leituras on line, discussões para produção de um resumo selecionando as partes das obras a serem adaptadas, escrita do roteiro literário. Sem a exigência de uma produção profissional, acrescentaram-se alguns elementos técnicos, a fim de desenvolver um trabalho de cunho pedagógico.

Com o roteiro concluído, os grupos fizeram as filmagens e por fim a edição do vídeo usando o software Movie Maker. Observou-se durante a realização dos trabalhos, a divisão dos grupos, escolhas das obras, os roteiros escritos, os alunos assistindo os vídeos, os próprios vídeos, e as entrevistas feitas com os alunos.

Inicialmente a proposta de trabalho não foi aceita com tranquilidade, porque ler para muitos alunos não é uma atividade que agrada. Em função disso, levaram-se duas semanas para que todos decidissem a obra que iriam ler para fazer o trabalho. Teve grupo que retirou dois ou três livros e só depois fizeram a sua escolha. Alguns não encontraram a obra impressa e optaram por procurar e ler na internet, versões on line. Sabe-se que alguns leram apenas o resumo da obra e uns assistiram um filme da obra adaptada.

Em geral os motivos para não ler as obras literárias completas são de que “não possuem tempo”, “trabalham”, “as obras são extensas”, “chatas”, “não encontraram em lugar nenhum”, “os colegas já haviam retirado todos os exemplares”. Enfim, são inúmeras as razões, por outro lado existem alunos que leram mais de uma obra e depois escolheram qual iria adaptar. Dois grupos optaram por ler outras obras que não estavam na lista indicada.

Desse modo, busca-se analisar o processo de produção por parte dos alunos e a produção final de cada vídeo. Assim, optou-se pela análise a partir de cada produção realizada, bem como em relação à mediação da professora ao longo do processo.

6.1. ANÁLISE DA PRODUÇÃO DOS VÍDEOS DOS ALUNOS

O vídeo 1 é uma adaptação da obra “Os ratos” de Dionélio Machado, o grupo era composto por cinco alunos. Em aula os integrantes do grupo foram resistentes à leitura e também as produções escritas, não realizaram as atividades iniciais, embora houvesse incentivo e tempo em aula. Não leram o livro escolhido, mas resumos retirados da internet. Afirmaram que “ler e escrever é chato e não faz tanta falta”. Alguns componentes apesar de estarem no Ensino Médio apresentam problemas em relação à acentuação, ortografia, dificuldade de compreensão de

textos. Embora tenham melhorado bastante, ainda são percebidos problemas bem pontuais na escrita. O diferencial do grupo além de serem todos meninos é que três deles moram no interior do município e são tímidos. Gostam muito de tecnologia e não apresentam dificuldade com relação ao uso do Movie Maker. Observa-se no vídeo que exploraram áudio, efeitos, transições, acrescentaram textos no vídeo com problemas de ortografia, acentuação. A maioria da produção do grupo foi feita em casa, porém não entregaram roteiro para revisão.

Os textos utilizados no vídeo apresentaram muitos erros em relação à ortografia, acentuação e concordância. Quanto a acentuação, esqueceram-se de acentuar as palavras “viuvo, eletricos, escritorio, ve, la, ja, dividas, alguem”. Quanto a ortografia apresentam trocas de letras em “fazer (s no lugar de z), deside (s no lugar de c), derubado (um r no lugar de rr)”. Além disso, escreveram emendado “enseguida” (em vez de em seguida) e falta de concordância na frase “presentes para seus filho”, onde a palavra filhos deveria estar no plural para concordar com a palavra presente

Através do trabalho os alunos conheceram um pouco da obra literária “Os ratos” de Dionélio Machado e o mundo de Naziazeno, personagem principal, que passa 24 horas atormentado porque não tem dinheiro para pagar o leiteiro, o personagem é a representação de milhares de pessoas que sofrem pela carência de recursos para pagar as contas. No que se refere à introdução de elementos da atualidade, há cenas em que um personagem vai tomar um chimarrão, elemento típico da cultura gaúcha. Também criaram um suspense ao incluírem um som de tiro, que na verdade era apenas o personagem matando uma mosca.

No que se refere à linguagem, há recorrência de falas coloquiais e também de algumas gírias, como: “olha só, bah cara, coisa braba, como vai os nenê, papa, mama”, ou crenças como “morder o cadeado para ver se era de ouro”. A cena que o personagem principal Naziazeno dorme e sonha que roubaram todo o dinheiro do leiteiro é adaptado através do personagem criado chamado “Barbosa” que sonha que foi assaltado na rua. Há uma riqueza de detalhes pensados pelo grupo e uma contextualização na atualidade e ao mundo em que vivem, as cenas são gravadas na casa deles, e uns fizeram mais de um personagem na adaptação.

Apesar dos alunos pularem etapas e não desenvolverem a proposta na sua totalidade obteve-se um resultado parcialmente satisfatório, e a comprovação da importância do uso das tecnologias nos ambientes escolares, pois nesse caso, o grupo fez com motivação as filmagens e edição do vídeo.

O Vídeo 2 é a adaptação da obra: “Um Certo Capitão Rodrigo” de Erico Veríssimo. Os produtores do vídeo dois, composto por cinco alunos, se organizaram em todas as etapas, usaram bem o tempo disponibilizado, trouxeram notebook para trabalhar em aula. O grupo entregou um roteiro bem escrito com boa ortografia, pontuação, acentuação, concordância entre termos e orações, há rubricas indicando ações, sons, efeitos, ritmos e travessões indicando as falas dos personagens.

Há uma riqueza de elementos da cultura do aluno na releitura da obra. Ao mesmo tempo trazem referências fortes da obra como a presença marcante do personagem Rodrigo Cambará (com seus hábitos de jogar, guerrear, gostar de se envolver com mulheres e ouro, tomar cachaça, boteco, adaga, andar a cavalo entre outros), marca também ao inserir elementos do cotidiano em que vivem como violão, bebidas, o desfibrilador (tecnologia atual), o uso de perucas e maquiagem, cartaz de cinema (com os rostos dos dois personagens que vão se enfrentar na corrida de cavalo).

Há também o cuidado em colocar no boteco um quadro com preços das bebidas ou mais antigo como a imagem de toca-discos, referência religiosa na reanimação de Rodrigo, lanças de madeira, cavalo de pau (brinquedo de infância), uso de bombacha, adagas e intercalam a referência a dinheiro ora é pila, ora é real.

Aponta-se também o uso da linguagem coloquial intercalando com trechos de linguagem regional gaúcha oriunda da obra em adaptação, como: “bobo”, “boca aberta”, “Neca’s bar”, “ pila”, “ceva”, “ta bom”. E uso da linguagem mais regional, como: “Buenas e me espalho nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho” “Buenas vivente” , “vamos bailar de cola atada”, entre outros

No início do vídeo, indicam pontuando a data e o contexto da obra adaptada e logo avisam “porém os fatos foram mudados”. Inserem treinamentos de soldados, se autodenominando espartanos, cantam o hino, transitam entre em espaços bem diversificados como o boteco, o cemitério, o campo, banheiro, dentro e fora de casa,

ou seja, ora com filmagens internas ora externas. Há uma preocupação com cenários, figurinos. Presença bem pontuada de músicas, sons e efeitos que contribuem para integralização das cenas.

Outro elemento importante a ressaltar diz respeito à orientação dada na ocasião da explicação da dinâmica da atividade. Solicitou-se que houvesse respeito às diferenças, por isso as cenas deveriam evitar o preconceito. O grupo preocupou-se também com esse item colocando em cena dois personagens massageando os capitães que estão jogando, rapazes fazem cenas de moças (inclusive usando vestido e peruca).

A obra é marcada por conter muitas cenas de machismo representado pela figura de Rodrigo Cambará (personagem principal). E é o gaúcho mulherengo, que manda, tem toda a liberdade. Cenas do vídeo dos alunos foram adaptadas ao contexto atual, levando em consideração o respeito todas as pessoas.

Usaram figuras de linguagem para representar a questão do sexo, observados nas falas “Linda você toca flauta?” “porque você encantou minha serpente” “quer ir lá em casa ver o jogo?”, “gritos de orgasmos”, além de cenas com seio a mostra, insinuações, gritos e outros sons, com personagens fechados no banheiro.

O vídeo atinge os objetivos propostos, pela leitura e conhecimento da obra, pela produção do roteiro e a boa exploração do software Movie Maker e outras tecnologias. É visível que os alunos se divertiam em cena, foram cuidadosos ao mudar timbre de voz, postura, sotaques, entre tantos outros elementos que poderiam ser citadas. Trouxeram para o século XXI, de forma alegre espontânea e com autoria, a rivalidade entre Terra X Cambará, (personagens principais da obra “Um Certo Capitão Rodrigo”, que lutam em lados opostos pelo domínio da cidade de Santa Fé, espaço principal da obra).

O vídeo 3 é a adaptação da obra “Dona Flor e Seus Dois Maridos” de Jorge Amado. O grupo três iniciou o trabalho de forma tumultuada. Uns faltaram à aula, num segundo momento se organizaram e na hora da escolha do livro trocaram várias vezes. Após duas semanas decidiram que iriam trabalhar com a obra “Capitães da Areia” de Jorge Amado.

Dias depois pediram mais prazo para ler e fazer o roteiro, porém sem mostrar nenhuma versão parcial das produções. No dia da apresentação falaram que resolveram fazer a adaptação da obra “Dona Flor e seus Dois Maridos”. O grupo não queria ler livro longo e um mandava o outro ler, mas havia uma vontade muito grande de que o vídeo ficasse perfeito. Um dos alunos afirmou: “Profe”, você vai ver! Daremos um show”.

Entregaram roteiro e vídeo no dia da apresentação, sem fazer reescrita de texto, intercalam linguagem culta e coloquial (priorizando a última) presente em trecho como: “eu arrebento os miolo de vocês”, “ mande pro inferno que é lugar de sem vergonha”, “ Vadinho eu to falando com você”, entre tantas outras expressões.

O grupo manteve os nomes dos personagens principais da obra, e as referências principais em relação ao caráter dos personagens, como Vadinho (cafajeste, mulherengo, alegre) e Dona Flor (submissa e compreensiva). Inovam ao contextualizar a história no século XXI. Criaram páginas no Facebook (rede social muito usada atualmente, que permite criar um ambiente para o usuário no qual pode interagir com outras pessoas que também estiverem conectadas, configurar um perfil e postar mensagens, informações, vídeos, fotos entre outros). A figura 5 é a página inicial do facebook, com o perfil do personagem “Vadinho Gostosão - Vamos vadiar minhas flores”, criado pelos alunos e inserida no vídeo.

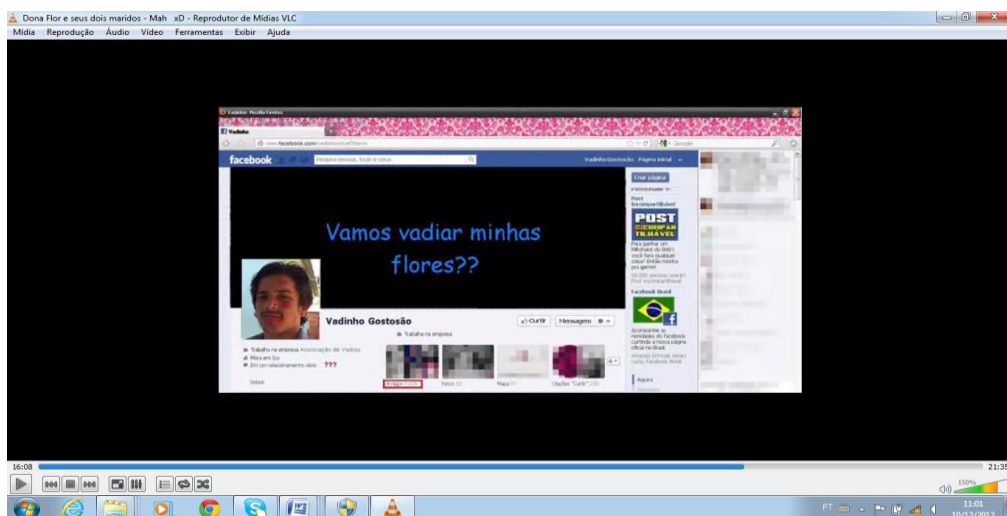


Figura 5- Página inicial do Facebook - Perfil de Vadinho Gostosão

Observa-se ainda o uso da web cam (uma câmera de vídeo que capta imagens e as transfere para o computador), os alunos usam esse recurso para descobrir as traições do personagem principal. Também há presença do Hacker, o indivíduo que se dedica a conhecer e modificar os dispositivos, programas e redes de computador. No entanto usa para fazer modificações e manipulações não triviais ou não autorizadas em sistemas de computação.

No caso da história criada pelos alunos o hacker ajuda Dona Flor descobrir, através das redes sociais as malandragens do marido e também para encontrar a mãe de santo. Explora a questão da religiosidade marcada na obra, a crença no espiritismo que acredita na volta dos espíritos para terra, mortos entre vivos e a força da mãe de santo, tanto para trazer o espírito de volta como também para enviar o espírito para o mundo de onde veio.

O grupo mantém os nomes dos personagens principais da obra, e as referências principais em relação ao caráter dos personagens, como Vadinho (cafajeste, mulherengo, alegre), Dona Flor (submissa e compreensiva). Inovam ao contextualizar a história no século XXI. Criam páginas no facebook com o perfil de Vadinho Gostosão- “Vamos vadiar minhas flores” e mãe Diná - Seu futuro por apenas R\$50.00 e indicam a empresa onde trabalha, “macumba online”.

Observa-se ainda o uso da Web cam e a presença do hacker que ajuda Dona Flor descobrir, através das redes sociais as malandragens do marido. A senha inventada “as minas pira no Vadinho”. Na procura pela mãe Dina exploram a questão da religiosidade marcada na obra, a crença no espiritismo que acredita na volta dos espíritos para terra, mortos entre vivos e a força da mãe de santo, tanto para trazer o espírito de volta, como para enviar o espírito para o mundo de onde veio.

O grupo mantém os acontecimentos como na obra original, respeitando início, meio e fim e concluem com a Dona Flor vivendo bem com os dois maridos. Trazem os elementos do cotidiano representado por Jorge Amado, no contexto da Bahia, entretanto intercalam com elementos da própria cultura.

Destacam-se as trocas de cenários, através do uso de efeitos preto e branco para representar algo passado, ou seja, as lembranças da Dona Flor, a exploração

de vários figurinos, preocupação com detalhes como no velório (velas, música, fúnebre, caixão, flores, etc.) ou nos casamentos (padre de batina, vestido de noiva, alianças, beijo, marcha nupcial, entre outros). O cuidado com a inserção de sons e músicas adequadas a cada situação vivenciada, o que mostra o domínio de uso do software Movie Maker e o resultado da escrita de um bom roteiro.

O vídeo 4 é a adaptação da obra “Contos Gauchescos” de Simões Lopes Neto. O grupo foi formado por cinco alunos, os mesmos escolheram a obra por último, já na segunda semana. Vendo-os indecisos e pouco animados sugeriu-se que lessem uma obra de contos, porque é um gênero com um número menor de páginas, de conflitos e de personagens, no qual facilitaria a leitura já que perderam tempo no início.

Na biblioteca iniciaram a leitura e depois selecionaram dois contos: “O mate do João Cardoso” e “Jogo de Osso”. Não entregaram roteiro para revisar e a filmagem foi realizada na casa da avó de um dos componentes do grupo. Lá fizeram uma fogueira e sentados em volta dela iniciam a contação de histórias gaúchas e logo em seguida fazem um corte para representar o que estão contando.

Primeiro encenam o conto “O mate do João Cardoso”, no qual personagem João fica enrolando as visitas para não irem embora oferecendo mate que sempre demora a chegar. Usam térmicas em vez de chaleira, sentam-se em tronco de madeira num ambiente externo com terra, árvores. Ao falar priorizam o tom mais agudo como um típico gaúcho.

Já o segundo conto, “O jogo do Osso”, filmaram próximo de um galinheiro, onde dava para ouvir o cacarejar das galinhas e outros sons de animais. Por conta disso, o som das vozes dos alunos em alguns trechos ficou inaudível. Nas cenas em que fazem apostas e jogam o osso, numa delas o personagem aposta à própria mulher e perde, tendo de entregá-la ao adversário. Em seguida acontece a morte do que ganhou a aposta, pois não é admissível que fique vivo e tendo como prêmio a mulher do companheiro. A cena mostra que na cultura gaúcha é forte a ideia de que honra se lava com sangue.

Na figura 6 observa-se a cena final de conto “O jogo do osso”. A morte do personagem que ganhou a mulher do adversário em aposta.



Figura 6- Cena final do vídeo – Contos gauchescos – “O Jogo do osso”

Assim, a produção de vídeo revelou experiências significativas entre os alunos e mostrou-se como um ótimo recurso auxiliar do professor no desenvolvimento da aprendizagem. Favoreceu momentos de leitura, reflexão, diálogo, escrita, socialização, autoria e diversão. Os usos das tecnologias aliados à leitura e produção escrita podem resultar em conhecimento efetivo se houver um bom planejamento e participação de todos os envolvidos tanto os professores como os alunos.

6.2. O PROCESSO DE MEDIAÇÃO E REPRESENTAÇÃO NAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS: ANÁLISE QUALITATIVA E QUANTITATIVA.

Ao final das apresentações de todos os trabalhos foi entregue um questionário para cada grupo para que respondessem entrevistas avaliando o processo de produção de vídeo. A média de idade dos entrevistados é de dezesseis a dezoito anos.

Os alunos responderam onze questionamentos que buscavam explorar aspectos das diferentes etapas do trabalho (leitura, releitura, escrita, filmagens e edição dos vídeos).

Questionado sobre a etapa mais difícil de realização do trabalho, a maioria dos grupos indicaram a escrita do roteiro alegando pouco tempo, também porque “é complicado escrever falas”, “há exigência de muitos detalhes na escrita, ações, emoções, músicas para cada momento” e afirmam que por mais que tivessem orientação de como fazer, ainda ficaram em dúvida se estavam fazendo certo. Outro complicador seria o fato de ter de resumir uma obra detalhada e extensa em trechos curtos que comporiam as cenas.

Outros grupos encontraram dúvida na edição do vídeo, por ser um processo demorado que exige vários cortes, inclusão de trilha sonora e organização e outro ainda achou difícil a filmagem, porque alguns não levam a sério e na hora de gravar o fizeram várias vezes a mesma cena até acertar.

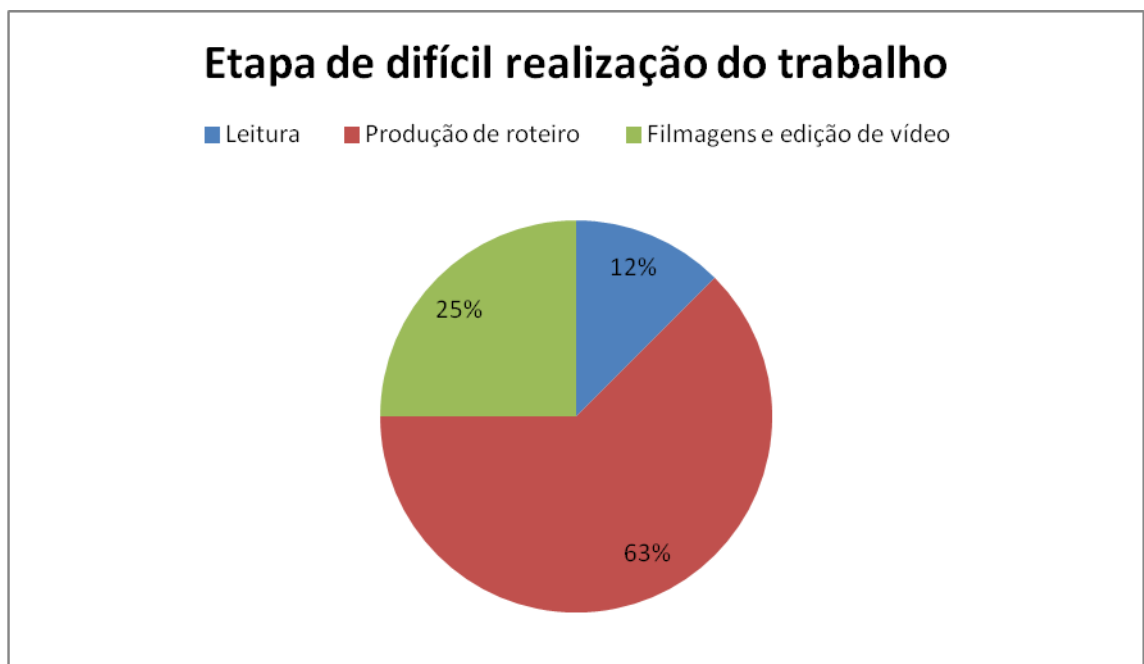


Figura 7- Gráfico referente à questão número 1 da entrevista

A figura 7 apresenta as respostas das 8 entrevistas realizadas, sendo que 12% dos alunos entrevistados apontaram a leitura como etapa mais difícil, já em relação as filmagens e edição de vídeo foram apontadas por 25% e a produção do roteiro foi indicada como etapa mais difícil por 63% dos entrevistados.

No segundo questionamento sobre a facilidade de desenvolvimento do trabalho, a maioria dos grupos indicou as filmagens, porque “foram momentos de diversão, alegria, muitas risadas nas horas de gravação e idas aos cenários, como o cemitério, por exemplo, ou em relação às roupas que usaram”. Ressalta-se ainda o esforço de todas as ideias, a necessidade de “explorar o lado artístico”, a criatividade e o aprendizado de saber se organizar em grupo e priorizar o trabalho.

Um grupo salientou que o trabalho de produção de roteiro era fácil, porque não eram obrigados a usar a mesma história que do livro, podiam modificá-la usando apenas partes da obra para não sair do contexto. A leitura não foi apontada como difícil, porque muitos só leram o resumo do livro. Como se pode ver no gráfico representado pela figura 8.

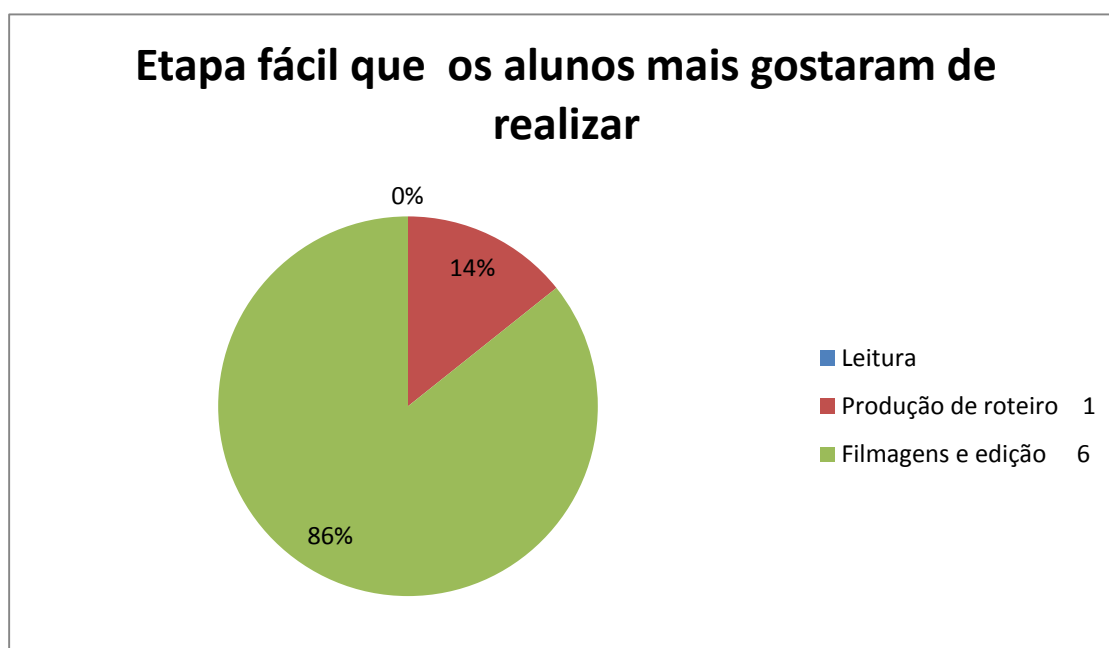


Figura 8- Gráfico referente à questão número 2 da entrevista.

A figura 8 apresenta os dados sobre a questão 2 que se refere a etapa mais fácil e que o grupo mais gostou na realização do trabalho. Nenhum aluno apontou a leitura da obra como tarefa fácil, já em relação à produção do roteiro 14% achou fácil à escrita, um grupo não respondeu e por último em relação às filmagens e edição de vídeo 86% considerou a tarefa mais fácil.

Quanto ao local das filmagens e as pessoas envolvidas no processo apontaram a casa dos colegas e familiares, bar próximo da escola, cemitério, alguns

na cidade e outros no interior (Ijuí, Catuípe, Coronel Barros) e em outros locais. Envolveram amigos, namorados (as) e familiares.

Foi questionado se encontraram alguma dificuldade no uso Software Movie Maker. A maioria não teve dificuldade, afirmaram que usam o programa há muito tempo, em todos os grupos alguém já tinha experiência em edição de vídeo, alegaram limitações no software quanto à inserção de textos e que o mesmo não é muito avançado não permitindo fazer muitas inovações.

Para surpresa da pesquisa dois grupos não usaram o software Movie Maker, optaram pelo software Sony Vegas Pró para produção do vídeo e não indicaram as razões da troca.

Em relação à seleção e leitura do livro impresso ou Online, obra inteira ou resumo e ou até filme notou-se que houveram respostas bem diversificadas. Alguns olharam mais de uma obra até decidir qual adaptaria para o vídeo, poucos leram o livro inteiro, a maioria leu resumo e ou assistiu um filme com adaptação da obra.

O que fica evidente analisando os depoimentos e os resultados é que as obras literárias são fontes ricas para adaptação, porém a opção da maioria dos alunos é ler apenas o resumo. Poucos (os mais interessados e que possuem hábito de ler) leem e em função disso são os que fazem elaboram e contribuem nos detalhes da escrita.

Ainda sobre a produção do roteiro foi pontuado como positivo ter que entender bem a história para poder recontar, colher detalhes, descrever a história como se fosse um filme, a possibilidade de fazer um pouco de comédia, passar pra o papel partes da historia, juntar com a ideia de cada um do grupo. Em relação aos pontos negativos o fato de ter que cortar partes importantes da obra, cansativo por ter que descrever detalhadamente cada cena e o pouco tempo para se reunir com colegas.

Priorizaram os personagens e as partes mais importantes da obra para colocar no roteiro, as cenas marcantes que mostravam características dos personagens e que passassem o entendimento de toda história para quem fosse assistir. Alguns selecionaram parte do meio e final da obra, outros optaram pelo que era mais engraçado e interessante.

A contextualização com a época atual foi feita observando vários aspectos como: trazer as falas para a atualidade (muitos usos da linguagem coloquial), a adaptação das vestimentas, músicas mais atuais, troca de termos, adequação aos espaços frequentados, alguns mantiveram falas iguais as do livro (em partes), inovação ao uso de equipamentos dessa época.

Os alunos afirmaram que os vídeos dos colegas ficaram bons, interessantes, bem editados, engraçados. Destacou-se o bom humor, a participação de todos e a organização. Afirmaram que os áudios poderiam ser melhores (alguns trechos inaudíveis), em alguns, acrescentar legendas para ficar mais compreensível.

Por fim, se interrogou os alunos sobre o questionamento inicial da pesquisa: A produção de vídeos a partir de obra da literatura brasileira pode ajudar a o aluno a conhecer as obras literárias e incentivar a leitura e o que jamais irão esquecer em relação ao trabalho realizado. Todos os grupos entrevistados afirmaram que a produção de vídeo pode incentivar o aluno a conhecer, se interessar e ler as obras literárias, por “ser uma maneira diferente de entender a própria cultura”, “pois é uma maneira divertida de aprender”, “vendo o vídeo o aluno vai se interessar na obra e isso incentiva a leitura”.

Afirmaram também que “além de conhecer a obra, o aluno não esquece, a história não foge da mente, pois viver a historia da obra é marcante e divertido, e a cabeça do jovem guarda esse tipo de coisa”. Não se esquecerão do esforço feito para gravar, os materiais que tiveram de conseguir para o figurino, os lugares onde foram gravar os erros, as risadas na hora errada, a organização, a responsabilidade e a vontade de todos de realizarem o trabalho. A edição do vídeo, a escolha da música para cada cena, as ideias e todo o divertimento na escrita do roteiro.

Alguns afirmam terem gravado no feriado, mas apesar disso gostaram principalmente das filmagens que proporcionou diversão, alegria e a necessidade de trabalhar juntos para poder dar certo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização desse estudo e análise dos roteiros, vídeos e entrevistas com os alunos do 3º ano, pode-se ressaltar que a prática pedagógica aplicada, tendo a leitura de obras literárias como base para produção de vídeos é eficaz e motivadora, no sentido de incentivar a leitura e o conhecimento das histórias bem como o contexto em que foram produzidas. Além disso, possibilitou-se o uso das tecnologias através de um trabalho apoiado na autoria e na colaboração.

O interessante foi perceber que todos os alunos dos grupos se envolveram em alguma etapa do trabalho, estabeleceram relações intertextuais e intermediárias, para a escrita do roteiro. Uns com participação mais ativa outros menos, mas a partir de negociações fizeram recortes das obras lidas e ou resumos da obra bem como de filme, reinventaram novas histórias contextualizando-as na atualidade. Nos vídeos produzidos há referências fortes de cinema, de TV, internet e outras tecnologias, identificadas nas representações de cultura observadas nas cenas.

Poucos alunos se envolveram na leitura completa da obra e na escrita do roteiro, alegando que ler é complicado, difícil, que não estão acostumados a ler obras extensas e que escrever é cansativo. Apesar disso, seguiu-se o planejamento inicial e todos os grupos da turma produziram o roteiro, filmaram e editaram os vídeos.

Aponta-se como ponto negativo no estudo o fato de que nem todos leram a obra literária na íntegra, ou seja, criar o hábito da leitura tem sido tema de pesquisa e continua a procura de respostas eficazes que contemplem a todos, principalmente os alunos de classes mais populares com pouco acesso a livros e outros objetos

culturais desde a infância, claro que com algumas exceções. Naturalmente os mesmos alunos que afirmaram que leram só os resumos são os que apresentaram mais problemas na escrita (acentuação, ortografia, concordância) na produção do roteiro e em alguns textos inseridos através do Movie Maker.

A concretização do trabalho de produção do roteiro exigiu dos estudantes suprimir alguns elementos da obra literária que não são possíveis de representar através de imagem e som e ainda selecionar cenas mais significativas porque as obras são extensas e a proposta era de um vídeo de cinco a dez minutos. Por outro lado permitiu que os mesmos inserissem no roteiro as suas experiências de vida, formas de representação da cultura através da adaptação que fizeram.

O roteiro não tem foco apenas verbal, mas precisa transitar entre verbal, sonoro e visual, por isso a produção escrita é fundamental pelo esforço da transposição, a necessidade de trocar ideias com os colegas, negociar, discutir e além de tudo chegar a um consenso sobre o que entra no vídeo e o que deixa de fora na criação de cada cena.

Evidencia-se nesse estudo a alegria e diversão vivenciadas nos momentos de filmagens e a facilidade em trabalhar com as tecnologias. Em alguns casos envolveram até a família, afirmam que riram muito, inclusive quando não era para rir e que não se esquecerão de toda a mobilização do grupo para cumprir as diferentes etapas do projeto. Desde a seleção da obra, leitura, o que priorizar, qual parte iria para o roteiro, quem iriam fazer o personagem, que roupas iriam usar, em que lugares iriam gravar, que outras coisas teriam que providenciar, quem possuía filmadora ou câmera digital, quem iria filmar, quem iria editar, que músicas e sons poderiam ser incluídos, por fim como administrar tudo para que de fato desse certo.

Durante os dois meses disponibilizados para a produção do vídeo, muitos diálogos entre os alunos e com a professora para tirar dúvidas foram realizados. O tempo maior foi gasto para a seleção e leitura da obra e a produção do roteiro do que para filmagens e edição do vídeo. O que indica as facilidades dos nativos digitais com o uso de tecnologias e a importância de oportunizar atividades diferenciadas e bem planejadas para o uso eficiente das mídias na sala de aula.

A escola continua sendo uma importante instituição dentro da sociedade e em função disso tem a responsabilidade de oportunizar uma educação que permita ao indivíduo humanizar-se e produzir conhecimento para seu benefício para as demais pessoas e ao planeta de maneira mais ampla. Esse conhecimento pode ser conquistado através da leitura e escrita que não está presente somente na escola e também através da exploração das mais diversas tecnologias (entre elas os recursos audiovisuais).

As práticas de leitura e escrita continuam sendo pilares para construção do conhecimento e devem ser agregadas aos avanços tecnológicos, ampliando as possibilidades de práticas pedagógicas diferenciadas. Em muitas escolas o problema não está na falta de acesso a tecnologias, mas no planejamento de atividades eficientes com o uso das mesmas.

O prazer oportunizado pela leitura é algo que toca a sensibilidade, a subjetividade é difícil descrever, prazer semelhante foi visível nos rostos e nas atitudes dos alunos, nos momentos em que foram assistir aos vídeos. Cada grupo queria ser o primeiro a apresentar falavam ao mesmo tempo. Já o momento em que assistiram as suas produções foram de silêncio, seguido de risadas, palmas e até gritos.

Através das análises feitas observou-se a importância de adequar as práticas pedagógicas, no sentido de preservar o conhecimento acumulado pela humanidade, agregando as novas linguagens e as novas mídias. O incentivo a leitura através da produção de vídeo a partir de obras literárias é uma forma de motivar os alunos para ler e também explorar as tecnologias, pois possibilita a realização de trabalhos que tocam a sensibilidade, aproximando-os do contexto ao qual estão inseridos de forma divertida e lúdica.

Partindo disso retoma-se aqui o problema de pesquisa: que é saber se a produção de vídeos pode oportunizar o incentivo a leitura e releitura de obras da literatura por alunos da 3ª série do Ensino Médio. Pelos resultados e observações feitas, acredita-se que o estudo possibilitou muitas reflexões a respeito das metodologias utilizadas na escola para o ensino da leitura e escrita, com o uso de tecnologias. E apesar de nem todos os alunos terem lido as obras indicadas, percebeu-se envolvimento dos grupos na realização das diversas etapas do trabalho

até os vídeos ficarem prontos. Houve momentos de leitura, escrita, negociação, trabalho equipe, filmagens, edição de vídeos, autoria, colaboração, alegria e acima de tudo aprendizagens.

Nas entrevistas escritas a maioria dos alunos não apontou a questão da leitura como problema, mas elencaram como a maior dificuldade a escrita do roteiro de vídeo. Por outro lado, resta ainda pontuar que alguns alunos até bem tímidos em sala de aula se mostraram muito desinibidos fazendo as cenas, verdadeiros talentos artísticos, ou seja, a realização do trabalho ajudou também no desenvolvimento da oralidade, desinibição e criatividade. Quando o aluno vira o personagem e incorpora à cena de ficção ele se transforma e age de um a maneira mais livre e extrovertida.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. Dona Flor e seus dois Maridos. Disponível em <http://ebookbrowse.com/jorge-amado-dona-flor-e-seus-dois-maridos-pdfrev1-pdf-d88522523> Ebook Browse. Acesso em 28 de novembro de 2012.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica. Orientações Curriculares para o Ensino Médio; volume 1 Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2008.239 p.

COSTA, Rafael Nogueira. 1 & SANTANA, Hélder Oliveira de. A produção de Documentário no Ambiente Escolar. Revista Científica- Visões- Faculdade Saleciana Maria Auxiliadora. Macaé, n.7, p.36-45, jul./dez. 2009. http://www.fsma.edu.br/visoes/ed07/Edicao_7_artigo_5.pdf Disponível em jul./dez. 2009.

DINIZ, Thaís Flores Nogueira. A tradução intersemiótica e o conceito de equivalência. IV Congresso da abralic - literatura e diferença. Universidade Federal de Ouro Preto. 2001. Disponível em: <http://www.thaisflores.pro.br/artigos/PDF/A%20Traducao%20Intersemiotica%20e%20o%20Conceito.pdf>. Acesso 9 de novembro de 2012.

DOC COMPARATO. DA CRIAÇÃO AO ROTEIRO. Edição Revista e atualizada, com exercícios práticos. 5ª EDIÇÃO. Rio de Janeiro. 2000. Disponível em: <http://oficinaseda2012.files.wordpress.com/2012/05/da-criacao-ao-roteiro-doc-comparato.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2012.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

LARROSA, Jorge. Pedagogia Profana: danças, pirueta e mascaradas. Belo Horizonte, Ed. autêntica. 2001.

LEVY, Pierre. As inteligências Coletivas. SESC. São Paulo. 10 de Nov/2012. Disponível em Entrevistas e palestras com especialistas em educação. http://www.crmariocovas.sp.gov.br/esp_a.php?t=001 .Acesso em 12 de novembro de 2012.

LOPES NETO, João Simões. Contos gauchescos. 9ª Ed. Porto Alegre: Globo, 1976. (Col. Província).

MACHADO, Dyonélio. Os ratos. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/7037837/Dyonelio-Machado-Os-Ratos>. Disponível em 2005. Acesso em 18 de outubro de 2012.

MORÁN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. Comunicação e Educação. USP. São Paulo, (2):27 a 35, jan/abr.1995. Disponível em: <http://revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewFile/3927/3685> . Acesso em 11 de outubro de 2012

SCALDAFERRI, Danilo Marques. Universidade Federal da Bahia, Colóquio internacional televisão e Realidade. 2003, 21 a 24 de outubro de 2008. Disponível em: <http://www.tvrealidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Danilo%20Scaldaferri.pdf>. Acesso em 14 de novembro de 2012.

THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia/ tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução: Leonardo Avritzer. 9ªed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2008.

TURRINI, Cristiane Degrecci. O Roteiro nas Produções de Vídeo Digital: Práticas Inovadoras no Ensino de Língua Portuguesa. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em 16 de abril de 2012. http://lantec.fae.unicamp.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=7&Itemid=30. Acesso em 08 de novembro de 2012.

VARGAS, A., Rocha, H., & Freire, F. (2010). Promídia: produção de vídeos digitais no contexto educacional. RENOTE, 5(2). Recuperado de <http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/14199>. Acesso em 2 de novembro de 2012.

VERRÍSSIMO, Erico. Um Certo Capitão Rodrigo. Disponível em: <http://ebookbrowse.com/erico-verissimo-um-certo-capitao-rodrigo-pdf-d382989792>. Acesso em 12 dez de 2012.

ZILBERMAN, Regina. A leitura no Brasil: Sua história e suas instituições. São Paulo. UNICAMP. Ano. 2011 8 vol.8 n.22 p.13-33. Disponível em: [73http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio32.html](http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio32.html). Acesso em 12 de outubro de 2012.

APÊNDICE A - QUESTÕES PARA ENTREVISTAS

Tema da pesquisa:

USO DO SOFTWARE MOVIE MAKER PARA PRODUÇÃO DE VÍDEOS A PARTIR DA LEITURA E ADAPTAÇÃO DE OBRAS DA LITERATURA BRASILEIRA

Professora: Mari Terezinha da Rocha Monteiro

Público-alvo: Alunos da 3ª série do Ensino Médio (escola pública)

1) Qual a etapa mais difícil na realização do trabalho .

- () A leitura da obra
- () A produção do roteiro
- () As filmagens
- () A edição de vídeo

Por quê? _____

2) Qual a etapa mais fácil , que o grupo mais gostou na realização do trabalho?

- () A leitura da obra
- () A produção do roteiro
- () As filmagens
- () A edição de vídeo

Por quê? _____

- 3) Onde realizaram as filmagens, que pessoas envolveram na produção ?
- 4) O grupo encontrou alguma dificuldade em trabalhar com o Software Movie Maker na edição do vídeo? Algum problema em relação ao uso do software? Quais?
- 5) Quantas obras o grupo olhou até decidir sobre qual iria fazer o trabalho? Quantos do grupo leram a obra e quantos leram resumos na internet? Alguma dificuldade na etapa inicial? Quais?
- 6) Aponte pontos positivos e negativos na produção do roteiro?
- 7) Em relação a seleção das partes da obra e dos personagens para adaptar para roteiro o que priorizaram e por quê ?
- 8) Que elementos do livro lido contextualizaram para época atual e quais procuram manter fidelidade a obra original?
- 9) O que foi interessante dos vídeos dos colegas e o que poderia ser melhor?
- 10) A produção de vídeos a partir de obra da literatura brasileira pode ajudar a o aluno a conhecer as obras literárias e incentivar a leitura? Descreva a opinião do grupo.
- 11) O que jamais vão esquecer em relação a todo trabalho realizado?

B- ENTREVISTAS FEITAS PELOS ALUNOS

QUESTÕES PARA ENTREVISTAS - Tema da pesquisa:

USO DO SOFTWARE MOVIE MAKER PARA PRODUÇÃO DE VÍDEOS A PARTIR DA LEITURA E ADAPTAÇÃO DE OBRAS DA LITERATURA BRASILEIRA

Professora: Mari Terezinha da Rocha Monteiro

Público-alvo: Alunos da 3ª série do Ensino Médio (escola pública)

1) Qual a etapa mais difícil na realização do trabalho.

- () A leitura da obra
 A produção do roteiro

() As filmagens

() A edição de vídeo Por quê?

Porque foi complicado resumir uma obra detalhada em trechos curtos.

2) Qual a etapa mais fácil, que o grupo mais gostou na realização do trabalho?

() A leitura da obra

() A produção do roteiro

As filmagens () A edição de vídeo

Por quê? Porque foi a parte mais divertida

3) Onde realizaram as filmagens, que pessoas envolveram na produção? *na casa de pessoas do grupo e a família também se envolveu.*

4) O grupo encontrou alguma dificuldade em trabalhar com o Software Movie Maker na edição do vídeo? Algum problema em relação ao uso do software? Quais? *não muitos, porém o software possui muitas limitações quanto a texto.*

5) Quantas obras o grupo olhou até decidir sobre qual iria fazer o trabalho? Quantos do grupo leram a obra e quantos leram resumos na internet? Alguma dificuldade na etapa inicial? Quais?

olhamos Capítulos de área e mais uma 3 obras e apenas 2 componentes do grupo leram a obra pelo qual estamos desde a falta de livros.

6) Aponte pontos positivos e negativos na produção do roteiro.

podemos contar detalhes da obra na produção do roteiro, porém partes muito importantes na obra tiveram que ficar de fora ou serem reduzidas.

7) Em relação a seleção das partes da obra e dos personagens para adaptar para roteiro o que

priorizaram e por quê? *Os personagens principais e as cenas mais importantes priorizamos o meio e o final da história.*

8) Que elementos do livro lido contextualizaram para época atual e quais procuram manter

fidelidade a obra original? *Procuramos atualizar as cenas em que a moça está com seus 2 maridos e os lugares frequentados. E*

9) O que foi interessante dos vídeos dos colegas e o que poderia ser melhor? *As histórias eram interessantes porém uma delas não entendíamos (capítulo) e a edição poderia ter sido melhor.*

10) A produção de vídeos a partir de obra da literatura brasileira pode ajudar a o aluno a conhecer as obras

literárias e incentivar a leitura? Descreva a opinião do grupo

incentivar a leitura e o interesse por obras brasileiras. Pode além de ajudar a conhecer

11) O que jamais vão esquecer em relação a todo trabalho realizado?

As filmagens.

Obrigada por responder as questões e contribuir para a realização de minha pesquisa de Pós graduação em Mídias na Educação. Profª Mari Terezinha da Rocha Monteiro

- 1) A produção do roteiro
Pois é complicado escrever falas.
- 2) As filmagens
Pelas risadas e diversão.
- 3) No interior de Coronel Barros, o grupo todo se envolveu e mais dois amigos nossos.
- 4) Não foi usado o movie maker.
- 5) Escolhemos o livro pelo título, 3 leram e todos olharam um filme sobre o livro.
- 6) Positivo é a parte de fazer comédia
Negativo é ter que passar a história de um modo que seja entendida.
- 7) As que descreviam os personagens e resumiam bem a história.
- 8) As falas ficaram como antigamente, os equipamentos e roupas utilizadas trouxemos para a atualidade.
- 9) Faltaram legendas (qualidade de áudio), mas foram muito bem produzidos e editados.
- 10) Sim, pois é maneira divertida de aprender.
- 11) Da história do livro, mas principalmente das partes engraçadas que foram feitas.

QUESTÕES PARA ENTREVISTAS - Tema da pesquisa:

USO DO SOFTWARE MOVIE MAKER PARA PRODUÇÃO DE VÍDEOS A PARTIR DA LEITURA E ADAPTAÇÃO DE OBRAS DA LITERATURA BRASILEIRA

Professora: Mari Terezinha da Rocha Monteiro

Público-alvo: Alunos da 3ª série do Ensino Médio (escola pública)

1) Qual a etapa mais difícil na realização do trabalho .

- () A leitura da obra
 A produção do roteiro

() As filmagens

() A edição de vídeo Por quê?

Porque tem muitos detalhes nas cenas, músicas, emoções, músicas por todo momento.

2) Qual a etapa mais fácil, que o grupo mais gostou na realização do trabalho?

- () A leitura da obra
 A produção do roteiro

() As filmagens () A edição de vídeo Por quê?

Porque a gente se diverte de muito rir da dos erros na gravação, as falas com erros (semelhantes), os recursos usados.

3) Onde realizaram as filmagens, que pessoas envolveram na produção?

Em casa, cemitério e pessoas envolvidas foram os pais, memórias e nós mesmos.

4) O grupo encontrou alguma dificuldade em trabalhar com o Software Movie Maker na edição do vídeo? Algum problema em relação ao uso do software? Quais?

Em relação ao uso do software não.

5) Quantas obras o grupo olhou até decidir sobre qual iria fazer o trabalho? Quantos do grupo leram a obra e quantos leram resumos na internet? Alguma dificuldade na etapa inicial? Quais?

Dois obras até decidir, todos do grupo leram o livro, mas.

6) Aponte pontos positivos e negativos na produção do roteiro?

No início do roteiro foi ter dificuldade, mas depois foi embora tudo.

7) Em relação a seleção das partes da obra e dos personagens para adaptar para roteiro o que priorizaram e por quê?

As partes que eram relevantes dos personagens e enredo.

8) Que elementos do livro lido contextualizaram para época atual e quais procuram manter fidelidade a obra original?

Por memórias com a fidelidade original da obra.

9) O que foi interessante dos vídeos dos colegas e o que poderia ser melhor?

Todos foram bons, no oparte do áudio tinha que ser melhor.

10) A produção de vídeos a partir de obra da literatura brasileira pode ajudar a o aluno a conhecer as obras literárias e incentivar a leitura? Descreva a opinião do grupo

Sim, estes tipos de trabalhos incentivam os alunos ler as obras.

11) O que jamais vão esquecer em relação a todo trabalho realizado?

As discussões durante a gravação, os risos e erros.

Obrigada por responder as questões e contribuir para a realização de minha pesquisa de Pós graduação em Mídias na Educação. Profª Mari Terezinha da Rocha Monteiro

APÊNDICE - C - PÁGINA DE ROTEIRO DE VÍDEO FEITA PELOS ALUNOS

Este vídeo é baseado em fatos reais...

Porém os fatos foram mudados.

Em 1800 tropas estrangeiras violaram as fronteiras do Brasil.

CENA 1

(O Capitão Estrangeiro conversa com seu soldado)

Capitão Estrangeiro – Puxa na retaguarda.

Soldado – Ok

Capitão Estrangeiro – Cobre a marcação, “vamo” bota gurizada, “vamo” bota

(O soldado grita, e se juntam as mãos)

Capitão Estrangeiro – Um, dois, três, Espartanos.

(O soldado grita novamente e junto com o capitão saem saltitando)

(Música: Gangnam Style – Psy)

Forças imperiais brasileiras foram mobilizadas para expulsar os invasores.

Durante o combate surgiu a figura ágil de um homem de forte personalidade, corajoso, irreverente, amava a liberdade, o ouro e as mulheres.

(O Capitão Rodrigo e seu soldado estão agachados e conversam ao mesmo tempo em um dialeto desconhecido)

Capitão Rodrigo – “شيس مل يروون نكاي تن حخت الكعب”

(Se levantam, saem caminhando e afiando as facas, quando aparece o Capitão Estrangeiro e seu Soldado saltitando)

Capitão Estrangeiro – Saltitando!

(Todos eles ficam parados dois de cada lado um de frente para o outro, o soldado pega um trombone se afasta e assopra)

(Som de Trombone)

(Depois disso ele volta ao lado do seu Capitão novamente)

Capitão Estrangeiro – Espartanos mostrem a eles como usamos as lanças.

(O Capitão Estrangeiro e o Soldado esfregam a lança com as mãos e depois as cravam no chão)

Capitão Estrangeiro – Vamos a execução dos hinos.

(O Capitão Estrangeiro e seu soldado se posicionam ao lado do Capitão Rodrigo e seu Soldado, botam a mão ao peito)

(Música: Hino Nacional Brasileiro)

(Todos se cumprimentam com um aperto de mão e um tapinha no ombro, em seguida entram dentro de uma sala de jogos. O Capitão Estrangeiro senta em um banco e é massageado pelo seu soldado, do outro lado da mesa o Capitão Rodrigo senta e é massageado

Releitura da obra: Dona flor e seus dois maridos.

Do autor: Jorge Amado.

Personagens:

Dona Flor: Mariele Marques.

Vadinho: Cauê Bueno.

Teodoro: Adonai Mello.

Mãe Diná: Martina Spanemberg.

Dona Rozilda: Marciele Megier.

Dona Norma: Natália Carvalho.

Diretor: Marciele Megier.

Roteirista: Martina Spanemberg.

Câmera: Natália Carvalho.

Editor de vídeo: Mariele Marques.

Roteiro

(Nesse momento toca a música Cachaça não é água não – Demônios da Garoa)

Slide. Em todo carnaval Vadinho marido de Dona Flor, uma respeitada professora de culinária, se divertia com a mulherada, e neste carnaval não foi diferente. Vadinho caiu no samba com aquele exemplar entusiasmo, característico de tudo quanto fazia...exceto trabalhar.

(CARNAVAL)

(Vadinho se divertia com algumas amigas até que caiu duro no chão)

Amiga 1: - Ah meu Deus! (Ela vai verificar se ele ainda está respirando)

- Tá morto o vivente! Tá morto!

Amiga 2: - Vadinho, o que fizeram com você meu amigo?!

(As amigas ficam abanando o falecido até que chega Dona Flor acompanhada da amiga Dona Norma gritando)

Dona Flor: - Vadinho!

Dona Norma: - Sai da frente minha gente! Deixa a pobre passar.

Os ratos

Personagens:

Andre: Barbosa

Felipe: Fernandes

Leonardo: Visinho

Lucas: Nenê

Mateus: Otavio; Didi

Barbosa, pai de dois filhos morava com seus filhos em uma casa simples e humilde.

Trabalhava em uma empresa de instalações elétricas residenciais.

Durante um dia de serviço rotineiro Otavio, seu chefe o chama para concertar uma tomada em seu escritório que estava com problema.

Barbosa- olá.

Otavio- olá, olhe aquela tomada que esta dando problema.

Após Otavio ir fazer aquele serviço toca o telefone.

(toque de celular)

Otavio- alo, sim, sim, já estava pensando, promover ele que é um bom trabalhador, já está muito tempo na empresa.

Barbosa: terminei de consertar.

Depois de ouvir o que seu chefe disse, Barbosa pensa que ele é quem vai ser promovido.

Então após encerrar sua jornada de trabalho, Barbosa vai para sua casa tão feliz que durante o caminho, decide comprar alguns presentes para seus filhos.

Barbosa- Ai gurizada, o pai chegou do serviço, e trouxe presentes para vocês, trouxe igual para vocês não brigar.

Didi- Papa.

Nenê- Mama.

Barbosa: nenê sabe né, o pai tem uma novidade para vocês, acho que vou ser promovido, vou subir na empresa e melhorar de vida, vou poder dar presentes melhores para vocês, agora vou para dentro arrumar um mate. Fiquem ai brincando com os presentes novos.

No dia seguinte Barbosa tava saindo de casa.

Barbosa- Vou dar uma olhada na caixa de correio.

Barbosa- Isso parece ser importante. "demitido".

Após ver essa carta, Barbosa volta para dentro de sua casa para pensar como conseguir dinheiro para suas contas, já que não tinha mais emprego.

Algum tempo depois as crianças ouvem algo parecido com tiro e vão verificar o que era.

Didi- Papa.

Nenê- Mama.

Didi: O que esta fazendo.

Barbosa- O pai esta matando mosquito.

(batidas)

Barbosa – venham, o pai quer conversar com vocês, encosta a porta ai nenê.

Barbosa- senta do lado do pai;é o seguinte, o pai perdeu o emprego, e não tenho como pagar as contas.